

"A menina Sara é uma menina que estuda português em la "Università di Pavia" porque ela gosta muito de falar línguas estrangeiras. Ela tem 22 anos e Ø é natural de Pavia. Ela vive também em Pavia.

Sara estuda para formar-se e trabalhar como interprete.

Ela gosta muito de ir à bola com a Rebecca e viajar a diversos países. Sara tem um coelho que se chama "Pallina".

Sara sonha trabalhar na "ONU" como interprete e Ø sonha aprender e falar diversas línguas como o espanhol, português, inglês...

Os amigos de Sara são muito importantes para ela porque Ø são o coração de Sara. Ela gosta dos seus amigos e Ø gosta muito sair com eles."

António Batista de Oliveira

A RETOMA REFERENCIAL

EM TEXTOS ESCRITOS POR APRENDENTES DE PLNM DE LM ITALIANA

Dissertação de Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS), orientada pela Doutora Maria da Conceição Carapinha Rodrigues e coorientada pela Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A RETOMA REFERENCIAL EM TEXTOS ESCRITOS POR APRENDENTES DE PLNM DE LM ITALIANA

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A Retoma Referencial em textos escritos por aprendentes de PLNM de LM italiana
Autor/a	António Batista de Oliveira
Orientador/a	Doutora Maria da Conceição Carapinha Rodrigues
Coorientador/a	Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro
Júri	Presidente: Isabel Maria Almeida Santos Vogais: 1. Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins 2. Doutora Maria da Conceição Carapinha Rodrigues
Identificação do Curso	Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS)
Área científica	Língua e Literatura Materna
Especialidade/Ramo	Linguística Aplicada
Data da defesa	24-7-2017
Classificação	II



Resumo

A proposta para este trabalho surge no enquadramento do estudo da Linguística Textual e foca, sobretudo, a análise da retoma anafórica como elemento fundamental de coesão (e coerência) na elaboração – e progressão discursiva – dos textos produzidos por aprendentes de Português como Língua Estrangeira (PLE) de nacionalidade italiana. Na análise, seguimos de perto as propostas de Paiva Raposo *et al* (2013), Lopes & Carapinha (2013) e Ferrari (2014). A escolha destas propostas prende-se, sobretudo, com o facto de serem recentes, se basearem, ainda que parcialmente, nos textos fundacionais propostos por Halliday e Hasan (1976) e Beaugrande e Dressler (1981) e serem, na literatura sobre o tema, propostas relativamente consensuais. Por outro lado, e embora cada um desses autores se dedique a uma língua específica, tomados em conjunto, esses autores apresentaram análises que partiram das duas línguas aqui em análise, razão que também justificou a nossa escolha.

Este trabalho tem como objeto de estudo algumas estratégias de retoma referencial nos textos de alunos italianos aprendentes de português. Com esta análise, pretendemos compreender quais as expressões anafóricas a que mais frequentemente os alunos italianos recorrem para o estabelecimento de relações referenciais no tecido textual. Também os antecedentes referenciais merecem aqui atenção pelo facto de serem eles os constituintes que vão permitir introduzir novas entidades no universo textual e vão desencadear cadeias de referência. Por último, o tipo de função que a anáfora desempenha e a contextualização de correferencialidade intrafrásica e/ou suprafrásica em que ocorre a retoma anafórica merecerão na análise de dados uma breve reflexão.

Palavras-chave: coesão textual; coesão referencial; antecedente; anáfora; função sintática da anáfora; retoma anafórica intrafrásica; suprafrásica; produção escrita.

Abstract

The proposal for this work appears in the framework of the study of Textual Linguistics and focus, mainly, on the analysis of the anaphoric recovery as a fundamental element of cohesion (and coherence) in the elaboration – and discursive progression – of the texts produced by the learners of Portuguese as Foreign Language (PFL) of Italian nationality. In this analysis we followed closely the proposals of Paiva Raposo et al (2013), Lopes & Carapinha (2013), and Ferrari (2014). The choice of these proposals are mainly due to the fact that they are recent, based, although partially, on the foundational texts proposed by Halliday and Hasan (1976) and Beaugrande and Drassler (1981) and for being in the literature on this theme, relatively consensual proposals. On the other hand, and although each one of these authors is dedicated to a specific language, taken together, these authors presented analyzes that departed from the two languages here in analysis, reason that also justified our choice.

This work has as field of study some strategies used by Italian learners of portuguese to refer back to ideas on the text. With this analysis, we aim to understand which are the anaphoric expressions most frequently used by Italian students for the establishment of referential relations in the textual fabric. Also, the referential background deserves here a special attention by the fact that they are the ingredients that will allow to introduce new entities in the textual universe and will trigger chains of reference. At last, the type of function that anaphora plays and the contextualization of intraphasic and/or supraphrasy in which the anaphoric recovery takes place, will merit a brief reflection in the data analysis.

Keywords: textual cohesion; Referential cohesion; Antecedent; Anaphora; Synaptic function of anaphora; Intraphasic anaphore recovery; Supraphasic; written production.

Dedico

este trabalho à tia Antónia,
à Laura Rodriguez e à Serena Codena
aos meus alunos da Università degli Studi di Pavia
e ao professor Giuseppe Mazzocchi

Agradeço

às Professoras, Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro e Doutora Maria da
Conceição Carapinha Rodrigues, toda a disponibilidade e orientação na concretização
deste projeto e também a ‘poda da minha tendência literária’.

Espero um dia agradecer aos céus, se o futuro assim o permitir, colher alguns frutos desta
árdua sementeira.

Índice Geral

Resumo	3
Dedicatória	5
Lista de abreviaturas	9
Introdução geral	10
Cap. 1 – Enquadramento teórico	12
1. Texto	12
2. Textualidade	14
3. Parâmetros de textualidade	15
3.1. Princípios de cooperação e máximas conversacionais	14
3.2. Intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade	16
3.3. Coerência	19
3.3.1. Coerência global	19
3.3.2. Coerência local	20
3.4. Coesão	22
3.4.1. Coesão temporal	24
3.4.2. Coesão estrutural	25
4. Coesão referencial	25
4.1. Anáfora	27
4.2. Princípios de organização das cadeias referenciais	30
4.3. Retoma pronominal anafórica	30

5. Estratégias de retoma anafórica na LM dos informantes	32
6. A interlíngua e a transferência linguística	37
6.1. Aquisição/aprendizagem de L2	37
6.2. A interlíngua como veículo de aprendizagem de LE	39
6.3. A transferência linguística	40
Cap. 2. Metodologia e Análise de Dados Empíricos	42
1. Introdução	43
1.1. Metodologia	43
1.2. Descrição do <i>Corpus</i> em Análise	44
1.3. Perfil dos informantes	48
1.3.1. Língua de escolarização	49
1.3.2. Contacto com outras LNM	50
1.4. Seleção e tratamento das expressões de retoma referencial	51
1.4.1. A forma de antecedente	51
1.4.2. A forma de retoma referencial	52
1.4.3. A retoma referencial em termos de função sintática	54
1.4.4. Contexto sintático da relação de correferencialidade (intra ou suprafrásica)	55
2. Mostra e análise de dados empíricos coletados	57
2.1. A forma de antecedente em A1/A2 e B1/B2	57
2.1.1. A forma de antecedente em A1/A2	57

2.1.2. A forma de antecedente em B1/B2	59
2.2. A forma da retoma referencial em A1/A2 e B1/B2	62
2.2.1. A forma da retoma referencial em A1/A2	62
2.2.2. A forma da retoma referencial em B1/B2	65
2.3. A retoma referencial em termos de função em A1/A2 e B1/B2	69
2.3.1. A retoma referencial em termos de função em A1/A2	69
2.3.2. A retoma referencial em termos de função em B1/B2	74
2.4. As ocorrências de correferencialidade (intra ou suprafrásica) em A1/A2 e B1/B2	81
2.4.1. As ocorrências de correferencialidade (intra ou suprafrásica) em A1/A2	81
2.4.2. As ocorrências de correferencialidade (intra ou suprafrásica) em B1/B2	82
3. Algumas considerações finais	84
Bibliografia	86
Anexos	89

Lista de Abreviaturas

CELGA	Centro de Estudos de Linguística Aplicada
QECRL	Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas
PL	Língua Portuguesa
PL2	Português Segunda Língua
PLE	Português Língua Estrangeira
PLNM	Português Língua não Materna
LM	Língua Materna
LNM	Língua Não Materna
L2	Língua Segunda
LA	Língua Alvo
LE	Língua Estrangeira
SU	Sujeito
CD	Complemento Direto
CI	Complemento Indireto
C Obl	Complemento Oblíquo
Adj	Adjetivo
AdjSup	Adjetivo Superlativo
Adv	Advérbio
ArtDef	Artigo Definido
ArtIndef	Artigo Indefinido
N	Nome
SN	Sintagma Nominal
Ø	Elipse ou Anáfora Zero
DetDem	Determinante Demonstrativo
PronDem	Pronome Demonstrativo
PronPess	Pronome Pessoal
DetPoss	Determinante Possessivo
PronPoss	Pronome Possessivo
DetIndef	Determinante Indefinido
PronIndef	Pronome Indefinido
Quant	Quantificador

Introdução Geral

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar e descrever o funcionamento das relações de correferencialidade que ocorrem dentro do texto escrito. O nosso estudo tem como base um conjunto de 40 textos produzido por aprendentes que têm como língua materna o italiano e aprendem o português como língua não materna em contexto de imersão.

Estando o presente trabalho direcionado para as componentes de coesão e coerência textuais na produção escrita, faremos, na primeira parte do referido trabalho, um enquadramento teórico que englobará os princípios de coesão e coerência que regem o texto através das diversas estratégias de correferencialidade aplicadas nos encadeamentos referenciais que se vão construindo ao longo da produção de texto. Ainda no primeiro capítulo, daremos também conta das estratégias de retoma referencial utilizadas pelo público italiano em produção de texto escrito na língua materna dos nossos informantes, ou seja, o italiano. Sendo o português e o italiano parte do conjunto das línguas românicas, faremos, na parte final do enquadramento teórico, uma breve exposição dos conceitos de interlíngua e transferência linguística e a forma como tais conceitos podem interferir na aquisição/aprendizagem do português como língua não materna por parte dos aprendentes italianos.

No segundo capítulo, são expostos os objetivos, o contexto e a metodologia. Assim, daremos conta dos dados empíricos elencados nos 40 textos que compõem o nosso *corpus* de investigação. Contudo, antes da mostragem e análise dos dados, faremos um breve enquadramento do perfil dos informantes que produziram o material em análise.

Terminamos o nosso trabalho com um terceiro capítulo, no qual proporemos alguns exercícios na perspectiva de os mesmos poderem ajudar os aprendentes de PLNМ a sistematizar cadeias de correferencialidade através da aplicação dos elementos que formam as relações anafóricas dentro do texto escrito.

Capítulo 1

Enquadramento Teórico

Cap.1. Enquadramento Teórico

1.Texto

Todo o “texto, em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (quer se trate de um poema, uma música, uma pintura, um filme, uma escultura, etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação que é realizado através de um sistema de signos.”

Fávero & Koch (1983:25)

Se esta citação nos apresenta uma definição muito lata de ‘texto’, neste trabalho iremos apenas trabalhar o texto verbal na modalidade escrita.

A linguagem escrita ou oral concretiza-se através de textos. Isto significa que a comunicação entre os falantes de uma língua se dá através de textos. Genericamente, o texto é definido como uma unidade formal e semântica de dimensão variável que cumpre uma função discursiva, isto é, que tem um objetivo ilocutório, resultante da intenção do produtor do texto e a qual deve ser processada durante o ato da receção conversacional entre interlocutores.

O texto ou discurso¹ está intrinsecamente dependente da sua contextualização sociocultural e essa inserção é determinante para o seu sentido. O contexto pode ser entendido como a situação de enunciação em que o texto é produzido, mas também, num sentido mais lato, como o conjunto de conhecimentos partilhados pelos interlocutores, ou seja, o universo do discurso² e ainda, como o material linguístico previamente produzido pelos interlocutores, isto é, o cotexto. Estes fatores contribuem decisivamente para a construção do sentido do texto e é necessário que o recetor neles se apoie para o interpretar.

Vários autores definem o ‘texto’ como uma sequência linguística que pode sofrer alterações de forma e sentido³, as quais se encontram dependentes de um grande número de fatores que incluem, por exemplo, o tipo de informação que o emissor pretende produzir, o tipo de

¹ Os termos ‘texto’ e ‘discurso’ apresentam diferentes definições em função dos autores e das escolas. Ver a este respeito, por exemplo, Vilela (1999:399) e Georgakopoulou & Goutsos (2004:4). No presente trabalho, usaremos, na esteira de Fonseca (1992:105) os dois termos como sinónimos.

² Mendes. (2013 :1691)

³ MENDES (2013:1691) – « O texto é uma sequência linguística que pode variar de forma e sentido, dependendo da situação, do modo de produção, do produtor e recetor, dos objetivos, mas que se caracteriza por constituir um todo estruturado, coerente, adequado a determinados propósitos comunicativos e que inclui o conjunto necessário de enunciados para levar a bom termo essa comunicação. »

audiência a quem se destina, o modo de produção oral ou escrito, etc.. Porém, na opinião de Mendes (2013:1692), tal variação de forma e sentido não invalida a caracterização modelar do texto como um edifício no seu todo, estruturado de forma coerente e adaptado ao contexto comunicativo.

É a importância destes múltiplos fatores que Ferrari (2014:35) assinala quando afirma que:

“[s]eguono due domini di costituzione e organizzazione del discorso che vanno al di là degli spazi grammaticali in senso stretto: quello contestuale, che prende in conto fattori di tipo paralinguistico ed extralinguistico, sociali, culturali, cognitivi ecc., e quello che concerne il modo in cui le unità del discorso si intrecciano sia dal punto di vista del significato che da quello della forma linguistica. Si tratta del dominio ‘testuale’.

Assim, poderá dizer-se que o texto é a unidade fundamental da comunicação linguística humana, definindo-se mais pela sua natureza funcional do que através da sua extensão. Segundo vários autores, a estruturação do texto convoca um número necessário de enunciados de modo a fornecer a informação essencial dentro da comunicação estabelecida. O número de enunciados é variável, dependendo dos propósitos comunicativos, tanto pode ser convocado um vasto conjunto como apenas um enunciado para que a interação comunicativa se encontre garantida mediante os cânones modelares que regem o universo discursivo.

Segundo Halliday e Hasan (1976:293) a entidade ‘texto’ define-se da seguinte forma:

“Any piece of language that is operational, functioning as a unity in some context or situation, constitutes a text. It may be spoken or written, in any style or genre, and, involving any number of active participants.”

Para Duarte (2003:87), os textos são:

“tanto os produtos de um só locutor como os que resultam da actividade colaborativa de vários falantes são objectos de sentido e de unidade – ou seja, são produtos coesos internamente e coerentes com o mundo relativamente ao qual devem ser interpretados.”

A mesma fonte diz-nos ainda que o texto deve ser interpretado, cognitivamente, através de um método em que são ativados os mecanismos de conhecimento armazenado e os pressupostos partilhados que os interlocutores têm de determinado texto/assunto, ao qual vão adicionando novos constituintes cognitivos de modo a que se fomente a progressão discursiva.

Convocando alguns dos aspetos anteriormente referidos, Lopes (2005:14-15) afiança que o ‘texto’ é:

“[e]ntendido como fragmento verbal intencionalmente produzido por um sujeito ancorado num tempo e num espaço específicos, e dirigido a uma instância de alteridade que de raiz desempenha um papel decisivamente interventor na sua génese e configuração, um texto/discurso não se define pela sua extensão, mas antes pela sua unidade semântica e relevância pragmática. (...) Não sendo (...) a extensão um critério definitório, é, no entanto, verdade que prototipicamente um texto envolve uma sequência de enunciados, pondo em jogo mecanismos de organização transfrásica.”

Desses mecanismos fazem parte os fenómenos da correferência, os fenómenos de organização temporo-aspetual, as relações estabelecidas entre fragmentos verbais, através de conectores de vária ordem e ainda a rede de relações semânticas construídas através do recurso ao léxico.

Em suma, o ‘texto’ assenta nas competências e capacidades linguísticas do falante em interpretar, descodificar e considerar (ou não) o texto como uma unidade linguística construída a partir de propriedades estruturais específicas que, no seu todo, constituem a sua ‘textualidade’.

2. Textualidade

A textualidade resulta de um conjunto de características que fazem com que um discurso seja considerado texto e não apenas um amontoado de frases. Ela é, pois, uma propriedade definitória que nos permite reconhecer um texto. Inicialmente concebida como ‘textura’

(Halliday e Hasan, 1976-1989)⁴, são vários os autores (Beaugrande & Dressler, 1981; Koch & Travaglia, 1990; Mateus *et al*, 2003; Paiva Raposo *et al*. 2013; Macário Lopes & Carapinha (2013); Ferrari (2014); Ferrari *et al*, (2015) que consideram a textualidade como a garantia da boa formação do produto discursivo, produzido e interpretado pelos falantes de uma mesma língua. Os sete parâmetros de textualidade são os seguintes: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, coerência e coesão. Importa realçar que estas propriedades estão estreitamente relacionadas com os aspetos pragmáticos envolvidos no processo comunicativo, uma vez que se reportam aos participantes do ato comunicativo, à informação veiculada em contexto e à relação dessa informação com outros textos e outras informações. Por seu turno, a coerência e a coesão garantem a unidade do material conceptual e a forma linguística do texto. Em conformidade com o que é dito por todos os autores referidos, Duarte (2003:87) diz-nos que “é usual utilizar o termo textualidade para designar o conjunto de propriedades que uma manifestação da linguagem humana deve possuir para ser reconhecida como um texto”. Em suma, a construção de um texto necessita da boa articulação dos diversos parâmetros de textualidade.

3. Parâmetros de textualidade

3.1. Princípios de cooperação e máximas conversacionais

Segundo as opiniões de Mendes (2013:1695-1696) e de Bianchi (2009:24-29) a interação verbal requer que os interlocutores respeitem os ‘princípios de cooperação’ para que a progressão do objeto comunicativo seja assegurada por todos os intervenientes em qualquer interação verbal. O princípio de cooperação traduz-se em quatro ‘máximas conversacionais’, nomeadamente: as máximas de qualidade, quantidade, relação e modo, as quais representam fatores importantes na progressão verbal pela estreita relação que mantêm com os diversos ‘parâmetros de textualidade’.

⁴ Partindo dos pressupostos defendidos por Halliday e Hasan (1976: 2-3; 1989: 71 e seguintes) A realização da ‘textura’ assenta nas relações semânticas criadas entre as várias partes do texto, as quais obedecem a padrões léxico-gramaticais específicos dentro de dada estrutura textual, ou seja, a textura, através das suas propriedades, tem como função validar a coesão textual e ainda ampliá-la. Por outro lado a ‘textualidade’ garante a coerência semântica e pragmática entre diversos elementos do texto. Embora exista um certo paralelismo entre as relações coesivas de ‘textura’ e as relações semântico-pragmáticas de ‘textualidade’ não quer isto dizer que uma garanta a outra dentro da globalidade textual.

3.2. Intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade

Partindo do modelo proposto por Mendes (2013:1695-1701), os parâmetros da intencionalidade e da aceitabilidade são complementares. Por um lado, a intencionalidade reside na formação de um prévio planeamento, por parte do emissor, que contemple objetivos comunicativos concretos e que contemple o tipo de leitor a quem se destina a mensagem, ou seja, o emissor estrutura um texto de forma a comunicar e interagir com um público-alvo. É nessa medida que o emissor parte de uma intenção para uma finalidade comunicativa, ou seja, o falante configura cada enunciado ao ato de fala, apropriando-o à ação da linguagem que pretende estabelecer, seja ela a de persuadir, a de sugerir, a de ordenar, etc. É devido a este facto que os enunciados diferem, pois os diferentes tipos de uso comunicativo dependem do contexto em que os enunciados são produzidos, ou seja, dependem da regência dos diferentes valores ilocutórios.⁵

Na opinião de Mendes (2013:1698) “a intencionalidade prende-se com determinado propósito comunicativo do produtor”, ou seja, é a esta entidade que cabe a responsabilidade de orientar o desenvolvimento discursivo. Por outro lado, a aceitabilidade concerne à atitude de disponibilidade do recetor para interpretar o texto recebido e atribuir-lhe um sentido. É na aceitação ou na rejeição do texto, por parte do leitor/ouvinte que se verifica se o texto cumpre os objetivos comunicativos intencionados pelo locutor. Por vezes, tendo o leitor/ouvinte conhecimento do assunto de que se trata, é permitido ao emissor cometer alguns ‘desvios’ na construção do texto, não pondo, por isso, em causa a compreensão do conteúdo por parte do recetor. Assim, poder-se-á dizer que o emissor nem sempre preenche todos os dados informacionais do texto, deixando-o muitas vezes incompleto, pelo que o interlocutor deve construir inferências para preencher essas lacunas. Este trabalho cognitivo obriga à articulação de informação intra e extratextual, esta última englobando dados situacionais, mas também dados provenientes da enciclopédia do interlocutor.

⁵ As diferentes tipologias valorativas estabelecem-se dentro das diversas tipologias de enunciados através das ilocuções assertivas, interrogativas, diretivas e compromissivas, etc., pois, destas ilocuções dependerá, em grande medida, o tipo de frase que é construído e que servirá de veículo à informação que se pretende passar em determinado universo comunicativo. Porém, é necessário ter em atenção que cada ilocução poderá conter mais do que um valor ilocutório. A título de exemplo, uma frase, à primeira vista, declarativa, em determinado contexto, poderá também comportar em si um valor assertivo.

Em relação aos parâmetros de intencionalidade e aceitabilidade, temos de ter em conta os princípios de cooperação, uma vez que o produtor do texto tem de produzir uma mensagem que seja pertinente e esteja de acordo com as quatro máximas conversacionais (que, no seu conjunto, gerem o comportamento comunicativo dos interlocutores em determinada interação verbal) e também com o género textual que vai nortear as suas escolhas discursivas.

A informatividade⁶ tem como função reger a escolha de conteúdo que o emissor pretende explicar no discurso. Em relação ao parâmetro da informatividade o produtor deve também ter em conta as diferentes estratégias de organização textual de modo a poder intercalar informação conhecida com informação nova, (“conteúdo previsível e/ou não previsível”⁷). A articulação entre o conteúdo já (supostamente) conhecido do interlocutor e a informação não previsível garante quer a continuidade temática quer a progressão semântica do texto. Quando um texto não incorpora elementos inesperados dentro do enunciado, corre o risco de gorar as expectativas do recetor, por ser redundante, violando assim a ‘máxima de quantidade’ do texto e fomentando a escassa atenção do interlocutor. Para que a progressão temática se realize dentro do discurso é necessário que o emissor assegure a ‘máxima de quantidade’ que, de acordo com este parâmetro, ganha elevado relevo, pois, é ela que determina o quão “suficientemente informativo”⁸ deve ser o discurso.

O parâmetro da situacionalidade ganha grande relevo no que se refere ao contexto comunicativo, o que leva o emissor a tomar decisões relativas à interação verbal que dependem, sobretudo, do contexto situacional em que se gera o conteúdo comunicativo. Este parâmetro implica, como é evidente, alguma variação na estrutura organizacional do texto, ficando esta dependente dos objetivos comunicativos que o emissor pretende atingir naquele contexto. Conforme nos diz Mendes (2013:1700), “um texto define-se também por ser relevante em relação a determinada situação de comunicação, um parâmetro designado como situacionalidade” que, numa textualização escrita, “pode assumir estruturas muito diferentes consoante a situação e o suporte utilizado”. Quer isto dizer que, quando o emissor pretende produzir um texto que aborde dado conteúdo temático, deve, previamente, fazer uma recolha de dados situacionais a fim de os contextualizar, organizar e tratar dentro do edifício textual pretendido.

⁶ Mendes (2013:1699/1700)

⁷ Beaugrande & Dressler (1981:3) e Mendes (2013:1699)

⁸ Mendes (2013:1699)

O parâmetro da intertextualidade concerne aos aspetos temáticos e/ou formais que fazem com que a produção e a interpretação de um dado texto fiquem dependentes do conhecimento de outros textos. Ou seja, a intertextualidade está intrinsecamente ligada à questão dos géneros textuais, pois qualquer texto por nós produzido insere-se num determinado género com o qual mantém relações de maior ou menor similitude. Este parâmetro revela as afinidades entre diversos tipos de texto – afinidades que podem ser de ordem temporal, de ordem temática, de ordem formal, de ordem tipológica, etc. – e só através do grau de conhecimento que locutor e interlocutor têm dessas relações entre textos será possível ao interlocutor reunir as condições para uma melhor compreensão do texto. Importa ainda salientar que elementos de intertextualidade se podem manifestar discursivamente de forma direta ou indireta, ou seja, através da citação ou através da alusão ou até do implícito, e este último caso é o que é mais exigente para o interlocutor.

Duarte (2003:115) elenca ainda o parâmetro de conectividade. A conectividade manifesta-se através das várias relações que se estabelecem dentro do corpo textual: a título de exemplo, a conectividade permite estabelecer relações de dependência semântica entre diferentes segmentos de um texto. A autora subdivide esta propriedade em dois tipos, os quais designa como: conectividade sequencial e conectividade conceptual. A conectividade sequencial, também conhecida por coesão, refere-se aos mecanismos linguísticos que permitem gerar uma rede de relações semânticas na superfície textual. Nas palavras de Duarte (2003:88-89), a conectividade resulta da “interdependência semântica das ocorrências textuais” que deriva dos “processos linguísticos (universais, tipológicos ou particulares de sequencialização (...) linear (...) dos elementos linguísticos”. A conectividade conceptual, habitualmente designada por coerência, refere-se à lógica interna que percorre um texto e que nos permite atribuir-lhe um sentido. Segundo a mesma autora, a coerência resulta da “interdependência semântica das ocorrências textuais, resulta dos processos mentais de apropriação do real, e da configuração e conteúdo dos esquemas cognitivos que definem o nosso saber sobre o mundo”.

3.3. Coerência

“A coerência é vista como uma continuidade de sentidos perceptível no texto, resultando numa conexão conceitual cognitiva entre elementos do texto. Essa conexão não é apenas do tipo lógico e depende de factores socioculturais diversos, devendo ser vista não só como resultado de processos cognitivos, operantes entre os usuários, mas também de factores interpessoais como as formas de influência do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores, enfim, tudo o que se possa ligar a uma dimensão pragmática da coerência.” – Koch & Travaglia (1999:12)

Partindo do modelo proposto por Koch (2002) sobre o conceito de coerência textual, podemos afirmar que esta consiste em princípios linguísticos, cognitivos, socioculturais e interrelacionais que têm como função estruturar um texto e dar-lhe um sentido. Esse sentido é entendido pelo produtor do texto e tem de ser interpretado pelo recetor do texto. Para que essa interpretação se dê, é necessário que o produtor do texto explicithe os nexos lógicos necessários de modo a que o recetor consiga reconstruir esse sentido original. Claro que o sentido a que o recetor chega pode não coincidir com a intenção do produtor do texto. De qualquer modo, o recetor procura sempre a coerência do texto e fará todos os esforços para encontrar a lógica interna do texto. Para que um texto seja coerente, ele tem de possuir uma estrutura semântica que englobe vários níveis, classificados por vários autores como coerência global e coerência local.⁹

3.3.1. Coerência Global

Entende-se por coerência global tudo aquilo que diz respeito a um texto na sua totalidade. Assim, é necessário que um texto constitua uma unidade informativa no seu todo. Por outro lado, a informação contida no texto tem de progredir mediante recursos (estratégias)

⁹ Ver Koch (2002). Vários autores, nomeadamente, Van Dijk & Kintsch (1983) e Puértolas (2005) classificam a coerência em três níveis: global, linear e local. Em relação à coerência linear defendem que a mesma se concretiza de forma sequencial de modo a dar continuidade às ideias expressadas no texto. Em geral, um texto é articulado através de parágrafos, ou seja, através de diferentes sequências de ideias em que, cada uma delas adquire sentido relativamente à ideia principal. As diferentes sequências, além de introduzirem informação relacionada com a ideia principal do texto, contribuem ainda para a progressão temática que é fundamental para que a coerência estrutural do texto se relacione com a unidade temática e com a estrutura do conteúdo.

linguísticos a fim de estabelecer uma intenção e um sentido interrelacionados durante a progressiva produção do texto com o propósito de manter um equilíbrio em toda a estrutura textual. Os diversos recursos linguísticos funcionam em grande medida como mecanismos de coesão que nos permitem perceber se a unidade temática do discurso e o posterior explicar de ideias conferem ao produto final a coerência desejável, confirmando-se esta através das várias relações entre os elementos convocados e os significados no seu todo, ou seja, uma unidade de sentido que nos remete para o significado global do texto em questão.

3.3.2. Coerência Local

A coerência local prende-se, sobretudo, com os elementos sintáticos do texto: – frases e/ou sequências de frases existentes dentro de uma cadeia linguística superior – vão estabelecendo uma relação de significado entre si na sucessividade discursiva. Assim, um texto é construído através de enunciados e cada enunciado deve ser convergente com os restantes enunciados, em termos de tópico, manifestando localmente partes dessa intenção global. Para que o texto final seja globalmente coerente é necessário que os vários tipos de coerência se desenvolvam de forma harmoniosa uns com os outros de modo a estabelecer o equilíbrio necessário para que o recetor/leitor possa compreender todas as partes textuais e por consequência compreender o texto no seu todo.

Segundo Beaugrande e Dressler (1981:84), para que um texto seja realmente coerente tem necessariamente de existir dentro de si uma continuidade de sentidos, através dos quais se possa perceber o texto, tanto no momento da sua produção como na posterior compreensão. Assim, no sentido de se explicar o conceito de coerência é necessário avaliar o processo na sua totalidade, desde a intenção comunicativa do emissor até aos constituintes linguísticos do texto que concretizam essa intenção. Segundo vários teóricos a coerência é um dos pilares fundamentais para transformar uma mensagem verbal em texto¹⁰. A mensagem acontece através da interação comunicativa entre dois falantes, que se caracteriza pela existência de uma continuidade de sentido que se vai desenhando ao longo da progressão textual. Esse processo, além dos fatores lógicos, abrange também fatores socioculturais de diversa ordem que se traduzem na óbvia ancoragem do processo interpretativo nos saberes sobre o mundo que os sujeitos detêm. Importa ainda realçar que a coerência de um texto repousa sobre

¹⁰ Beaugrande & Dressler (1981), Koch & Travaglia (1999) entre outros

diferentes planos de análise linguística, tais como: a pragmática, a semântica e a sintaxe, tornando-se estas nos motores responsáveis pela significação na produção/compreensão do texto.

Por seu turno, Macário Lopes e Rio-Torto (2007:13) defendem que “a significação é o ponto de partida e o ponto de chegada de toda a atividade linguística, pelo que é incontornável o lugar nuclear da Semântica na gramática das línguas naturais.” Segundo a mesma fonte, “a Semântica envolve o conhecimento intuitivo do significado das palavras de uma língua, das regras que presidem à construção de predicções e dos mecanismos que garantem a sequencialização de enunciados no plano discursivo/textual”.

São estes mecanismos que, em grande medida, ajudam à construção da tessitura textual e das unidades de sentido que se formam através de uma série de princípios que se relacionam em todos os níveis do texto, desde o seu planeamento à sua execução. Assim podemos deduzir que a coerência textual resulta diretamente da construção do sentido do texto.

Macário Lopes e Rio-Torto (2007:78) alegam que “através da linguagem, desenvolvemos argumentos, agimos e interagimos socialmente, cumprindo determinados planos comunicativos”. Segundo as mesmas autoras, “um texto envolve na maior parte dos casos uma sequência de enunciados, pondo em jogo mecanismos de boa formação que ultrapassam o plano da frase” que devem satisfazer todos os critérios da “unidade semântica” de modo a vincular ao texto no seu todo uma “relevância pragmática” de modo a preservar todas as condições da situação comunicativa em causa. Também Bernardez (1982:84-85) comunga dos mesmos princípios ao afirmar que a coerência é semântica porque nos remete para o sentido global do texto; é pragmática porque espelha o sentido do texto através da intenção comunicativa do emissor e é sintática porque pode ser recuperada a partir da sequencialização que configura estruturalmente o texto. Porém, este autor remete-nos para uma terminologia distinta daquela que até ao momento aqui vem sendo adotada, ou seja, este autor apresenta dois termos distintos para definir a coerência: assim temos a coerência profunda e a coerência superficial. No entanto, ambas se manifestam tanto na produção como na interpretação/compreensão textual. Segundo este autor, a construção de ambos os tipos decorre de dois processos antagónicos aquando da passagem da coerência profunda à coerência superficial, ou seja, na produção de texto, percorre um caminho que vai do plano pragmático ao plano sintático; já no que diz respeito à compreensão/interpretação do texto, o

caminho faz-se através dos tópicos linguísticos, deixados pelo emissor à superfície do texto, até à coerência profunda que emerge do produto textual na sua globalidade.

3.4. Coesão

“Dal punto di vista della superficie linguistica, le grammatiche del testo tendono a far coincidire le unità di segmentazione testuale con le frasi sintattiche (principali o subordinate). Esse considerano inoltre che la struttura semantica del testo abbia tipicamente un rispecchiamento linguistico, in particolare attraverso collegamenti morfologici, pronomi, ripetizioni, connettivi. Una sequenza di frasi che prevede tale messa in scena della coerenza viene detta «coesa».”

Ferrari (2014:31)

Koch & Travaglia (1999:16) postulam que as relações entre coesão e coerência têm muitas vezes sido interpretadas como configurações complementares e/ou interdependentes. Para estes autores, apesar de ambos os conceitos caminharem a par e passo, na prática, a coesão não garante ao texto a sua coerência. Podemos afirmar que quase o mesmo se pode dizer em relação à coerência, ou seja, para se verificar que estamos perante um texto coerente, não necessitamos que o mesmo apresente um elevado número de componentes coesivos. Segundo os princípios defendidos por Koch (2002:15) a coesão textual, gera-se “por meio de mecanismos cuja função é assinalar determinadas relações de sentido entre enunciados ou partes de enunciados” através de oposições e/ou contrastes; finalidades e/ou metas; consequências; localizações temporais; explicações e/ou justificações; adição de argumentos e/ou ideias entre outras possibilidades. Por seu turno, Beaugrande e Dressler (1981:37) abonam que a coesão depende do modo como os elementos da superfície textual se relacionam entre si numa dependência de natureza semântica. Assim, a coesão, ao inverso da coerência, manifesta-se de forma explícita através de sinais linguísticos que formam elos na estrutura linguística e superficial do texto. Por outro lado, Halliday e Hasan (1976:8) defendem que a coesão se dá através da relação semântica entre dois elementos do texto, sendo um dos elementos essencial para a interpretação textual do outro elemento. Assim, podemos concluir que a coesão é a ligação entre os elementos superficiais do texto e se baseia no modo como os mesmos se relacionam entre si. Para Mendes (2013:1701) “um texto é

coesão quando existe continuidade na apresentação e articulação da informação veiculada pelas expressões linguísticas que o compõem”, essa coesão pode ser subdividida em coesão referencial, coesão temporal e coesão estrutural, por nós designada por coesão interfrásica. Percebemos que existe coesão num texto quando compreendemos os diversos elos referenciais, temporais e estruturais que se vão estruturando de forma progressiva no tear discursivo.

Koch (2002:15-16) cita um vasto grupo de teóricos para descrever o que é tido, na generalidade, como coesão textual. Do leque de teorizadores apresentados, surgem, à cabeça, Halliday e Hasan (1976) que definem o conceito de coesão textual “como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto.” Já as opiniões de Beaugrande e Dressler (1981) coincidem em certa medida com a opinião anterior, ao sugerir que a coesão se estabelece através das relações que os elementos da superfície textual cruzam entre si numa sequência linear.

Pressupõe-se então que a coesão textual é o que resulta da relação de frases, parágrafos, partes e capítulos e tem de estar bem organizada para não correremos o risco de criar um não-texto, ou seja, um conjunto de frases que até podem estar bem estruturadas sintaticamente, mas que, em termos semânticos, não fazem qualquer nexos. Macário Lopes e Rio-Torto (2007:86) retomam o modelo postulado por Halliday e Hasan (1976) para defenderem que a coesão é a

“a sequencialização semântica de um texto, através de recursos léxico-gramaticais, tais como: cadeias de referência, uso correlativo de tempos verbais e adverbiais temporo-aspectuais, conectores intra e interfrásicos, repetições ou substituições lexicais”.

Duarte (2003:89-90) e Lopes e Carapinha (2013:31) reforçam a ideia de que está garantida a coesão de um texto se todas as partes constitutivas estiverem devidamente articuladas e relacionadas entre si. “Todos os mecanismos que permitem estabelecer relações semânticas entre diferentes segmentos de texto” serão elementos coesivos. Koch (2002:15-16) ao afirmar que “a coesão, por estabelecer *relações de sentido* diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com o que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos.” Halliday e Hasan (1976:3) e grande parte dos teóricos que segue a doutrina postulada por estes autores, nomeadamente Koch (2002:15-16), defendem que a ligação entre os vários recursos linguísticos que são

convocados para garantir coesão ao texto são denominados por *ties*¹¹ ou ainda, como nos diz Koch, “a cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam «laço», «elo coesivo».” Halliday e Hasan (1976:4)¹² salientam cinco recursos coesivos sobre os quais recai a obrigação de construir a ossatura formal da estrutura semântica do texto; estes recursos são os seguintes: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical.

Se o conceito de coesão textual é genericamente consensual entre os vários autores, já o mesmo não se pode dizer sobre os modelos teóricos sugeridos, visto que a terminologia utilizada em cada um deles diverge. Assim, e de acordo com Fávero (1993:13), “há inúmeras propostas de classificação das relações coesivas”.

3.4.1. Coesão temporal

As relações de tempo entre as situações e eventos textualmente construídos podem ser assinaladas através de diferentes recursos linguísticos de valor temporal. Assim, em textos ancorados numa dimensão temporal só lhe são assegurados os aspetos de coerência e coesão se a sequencialização discursiva reunir as condições conceptuais necessárias para a sua localização temporal. É através da ordenação temporal que o recetor apreende a sequencialização dos eventos, à luz da qual, dada sequência textual deve ser interpretada. Segundo Duarte (2003:109), os processos que asseguram a coesão temporal podem ser realizados a partir de “conexões de sequência temporal entre períodos simples, compostos ou complexos” e ainda através da correlação entre alguns tempos verbais, além das expressões adverbiais e/ou preposicionais que contenham valor temporal. De acordo com Mendes (2013:1712-1714), a coesão textual apoia-se na coesão temporal, a qual é assegurada pela sequencialização temporal dos enunciados que se vão relacionando ao longo do texto. Refere a mesma autora que a coesão temporal é confirmada, à partida, “pelo tempo verbal”, ou seja, através da colocação adequada dos diversos tempos verbais, do uso dos advérbios e/ou expressões adverbiais que dão indicações precisas, ao leitor, do(s) tempo(s) em que a situação discursiva ocorre. As ocorrências temporais dentro do texto podem manifestar-se através dos

¹¹ Halliday, M. A. K. e Hasan, R. (1976:3): “Cohesion in English”. Longman, New York. – “We need a term to refer to a single instance of cohesion, a ter for one occurrence of a pair of cohesively related items. This we shall call a TIE.”

¹² Halliday, M. A. K. e Hasan, R. (1976:4): “Cohesion in English”. Longman, New York. – «The different kinds of cohesive tie provide the main chapter divisions of the book. They are: reference, substitution, ellipsis, conjunction, and lexical cohesion.»

tempos deíticos ou anafóricos (plano textual). Num texto, tanto os tempos deíticos como os tempos anafóricos estabelecem relações de coesão que permitem ao recetor a possibilidade de recuperar a localização temporal da ocorrência mencionada em determinado enunciado.

Em suma, existe coesão temporal dentro dum discurso quando se encontram reunidas condições de compatibilidade entre a localização temporal e a ordenação temporal dos vários eventos representados no texto.

3.4.2. Coesão estrutural

A coesão estrutural dá-se através das várias conexões que se estabelecem dentro do texto assegurando-lhe a coesão e coerência. Segundo Mendes (2013:1714-1715) “as conexões estruturais” comportam em si aspetos semânticos e podem relacionar constituintes pertencentes à mesma frase (relação intrafrásica) ou elementos isolados que se regem de forma independente dentro do texto, por exemplo duas frases autónomas que se relacionam entre si (relação suprafrásica).

4. Coesão referencial

Koch (1993:27) designa como coesão referencial os elementos da superfície do texto que remetem para um ou mais elementos do universo textual. Os elementos referenciais podem ser pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes demonstrativos, possessivos, relativos, interrogativos, advérbios, artigos, etc. Para Mendes (2013:1702), a capacidade referencial define-se como uma propriedade de algumas expressões linguísticas que podem funcionar como “expressões referenciais”. Isto significa que essas expressões têm como finalidade designar um elemento particular do universo extralinguístico. Ou seja, uma expressão referencial é qualquer expressão que designe uma entidade extralinguística, normalmente um SN, ou qualquer expressão (das assinaladas no início deste parágrafo) que remeta para uma expressão referencial utilizada. Podemos então pressupor que uma expressão anafórica para ser interpretada necessita de um antecedente e que há uma relação de dependência entre essa expressão anafórica e esse antecedente.

As expressões referenciais podem ser deíticas ou anafóricas, consoante a localização do referente para que remetem: ou esse referente é apreensível na situação concreta de enunciação em que a expressão é usada (os signos deíticos referem essa entidade) ou se encontra acessível no texto anteriormente proferido ou escrito (anafóricos). Estes referentes podem manifestar-se, portanto, quer ao nível situacional quer ao nível textual. Quando a recuperação do referente se dá no nível textual: pode ser através da anáfora quando a expressão anafórica retoma uma entidade já anteriormente expressa, isto é, introduzida no universo textual (antecedente), ou através da catáfora quando a expressão referencial antecipa uma entidade que ainda não foi apresentada no texto. As expressões de retoma referencial são signos da língua que não podem ser decifráveis por si próprios, mas, antes, têm de ser confrontados com outros elementos para se conseguir aceder ao seu valor semântico-referencial. Por seu turno, quando dois elementos linguísticos, dentro duma frase ou ao longo do discurso, remetem para uma mesma entidade forma-se uma cadeia referencial (ao nível intrafrásico e/ou suprafrásico), sendo que esses elementos são correferentes se retomam exatamente a mesma entidade. Por outro lado, é necessário distinguir os casos de correferência dos casos de anáfora; embora habitualmente se faça coincidir as duas noções, elas não são coincidentes. A correferência é a relação entre duas expressões que, embora designem a mesma entidade, não estão necessariamente dependentes uma da outra em termos interpretativos, isto é, não geram necessariamente uma relação anafórica. No caso da anáfora, temos uma relação assimétrica, pois o anafórico só é interpretável se tivermos acesso ao antecedente, isto é, a interpretação da expressão anafórica é dependente do nosso acesso à expressão anterior. Mais, ainda, a expressão anafórica pode não ser correferente, isto é, pode não designar exatamente a mesma entidade que o seu antecedente (caso da anáfora associativa). Por último, para que se inaugure uma cadeia referencial é, de todo, necessária a introdução de uma nova entidade no universo textual, a qual, assim que for introduzida no texto discursivo, poderá ser retomada pelo emissor através da mesma e/ou de outras formas ao longo do discurso que a segue.

4.1. Anáfora

Dentro dos vários processos de coesão textual/referencial, a anáfora¹³ surge como o mecanismo mais usual que permite retomar informação anterior através de estratégias variadas. A anáfora pode ser direta, se for correferencial ou indireta, no caso de o não ser (anáfora associativa). Em linhas gerais, a anáfora é tida como uma das formas de construir referência. A anáfora correferencial tem a incumbência de reativar/retomar referentes anteriormente designados. A anáfora indireta (associativa) tem uma função diferente, pois para além de permitir a continuidade referencial, também permite introduzir novos referentes. Através da retoma e/ou repetição de um dado referente, a anáfora facilita ao recetor a leitura/interpretação do texto, pois permite-lhe perceber a existência de linhas de continuidade semântica que o unificam.

Mendes (2013:1705-1709) estabelece quatro categorias de referência anafórica: “anáfora fiel (ou reiteração¹⁴); anáfora infiel (ou paráfrase); anáfora associativa e anáfora conceptual”. Segundo a mesma autora, as características que as definem são as seguintes:

- 1) A anáfora fiel (anáfora nominal¹⁵) estabelece-se quando a expressão anafórica subsequente retoma o mesmo nome do seu antecedente. Importa realçar que uma nova entidade é introduzida na estrutura textual através de uma expressão nominal precedida de artigo indefinido. (Exemplo:¹⁶ Um gato foi encontrado no quintal da vizinha). Quando a retoma referencial é concebida, isto é quando se retoma anaforicamente essa entidade, normalmente escolhe-se uma expressão nominal precedida por um artigo definido ou um determinante demonstrativo ou então, em alternativa, um pronome demonstrativo, (Exemplos: O gato fugiu da dona saltando pela janela; Aquele gato é um malandro).

¹³ Segundo Raposo (2013:2179) a anáfora pode, num sentido restrito, designar pronomes reflexos e recíprocos que retomam o antecedente que se encontra posicionado na estrutura de uma frase simples. Num sentido mais abrangente, a anáfora pode designar sintagmas nominais, pronomes pessoais ou pronomes reflexos recíprocos que se encontram dependentes do antecedente para estabelecerem a sua conduta referencial.

¹⁴ Termo usado por Beaugrande e Dressler (1981)

¹⁵ Termo usado por Beaugrande e Dressler (1981)

¹⁶ Nota: todos os exemplos do presente trabalho que não se encontram assinalados por aspas foram criados pelo autor deste trabalho e, em alguns casos, foram reestruturados segundo orientação dada pela coorientadora Professora Conceição Carapinha.

- 2) A anáfora infiel (ou paráfrase) caracteriza-se por retomar uma entidade anteriormente apresentada através de outra expressão nominal com significado distinto. Este tipo de anáfora mantém a relação de correferência ao elemento, mas como o conteúdo informacional da expressão anafórica é suficiente para identificar o referente a que se associa, embora haja correferência entre os dois elementos, tal não implica qualquer tipo de dependência entre os dois elementos. Nestes casos, segundo Mendes (2013:1707), a “possibilidade de os referentes dos sintagmas nominais serem interpretados como os mesmos está dependente do nosso conhecimento do mundo e do conhecimento partilhado entre os produtores e recetores do texto.” (Exemplo: O Presidente da República tem surpreendido muita gente, incluindo aqueles que não acreditavam nele. Marcelo, o comentador televisivo, deu lugar à primeira figura do Estado Português.) Porém, podem surgir situações em que o recetor não tem conhecimento partilhado que lhe faculte, à partida, informação suficiente para identificar determinado elemento referencial expresso no discurso; neste tipo de situação a correferenciação pode ser garantida pelo contexto. (Exemplo: Maria Calas participou em várias óperas, um pouco por todo o mundo. A soprano foi bastante elogiada.) Neste caso, importa ainda destacar o relevante papel da máxima de relação, pois, o recetor espera que, em princípio, o emissor não modifique o tópico referencial na estrutura discursiva sem que, primeiro, coloque algumas ‘pistas’ no texto que permitam ao recetor antever essa mudança.
- 3) Segundo a mesma autora, a anáfora infiel (ou paráfrase) “pode ser feita através de expressões lexicais que denotam entidades que apresentam relações semânticas com a entidade retomada.”¹⁷ Este tipo de retoma é habitualmente referido como anáfora lexical, ou seja, determinado referente é retomado através de relações de sinonímia, hiponímia e hiperonímia e que se estabelecem com o seu antecedente. (Exemplos: O Pedro ouviu uma forte crítica do patrão. O chefe não perdoa o mínimo erro; O António tinha autocarro para Lisboa às quinze horas, infelizmente, chegou atrasado à gare e por isso perdeu aquele meio de transporte; A Sandra tem um novo animal em casa. A tartaruga veio completar o seu mini jardim zoológico.)

¹⁷ Mendes (2013:1708)

- 4) A anáfora associativa estabelece-se, com frequência, através da relação semântica parte-todo¹⁸ e, neste caso, não há uma identidade referencial entre entidades, tendo cada uma o seu próprio referente. Porém, e sem que haja correferência entre as duas expressões, uma das entidades necessita da outra para estabelecer a sua própria referência. Assim, a anáfora associativa caracteriza-se pelo estabelecimento de uma relação implícita entre as duas expressões (antecedente e expressão de retoma) e, indiretamente, entre as duas entidades para que esses elementos referenciais remetam. Neste tipo de relação, que apela ao conhecimento do mundo e/ou ao saber partilhado pelos interlocutores, é necessário estabelecer inferências. Neste tipo de relação, não há retoma do antecedente, mas sim, uma ligação concetual (que o recetor/interlocutor tem de estabelecer) entre ambos os elementos da cadeia referencial. (Exemplo: A minha bicicleta é ótima. É pena o pneu estar furado.)
- 5) A anáfora conceptual ou anáfora resumativa¹⁹ estabelece uma relação entre uma expressão anafórica e um antecedente que é sempre uma proposição. A expressão anafórica tem como seu antecedente todo um conjunto de informações veiculado através de um determinado conteúdo proposicional (que, por sua vez e de um ponto de vista sintático, corresponde, normalmente, a uma frase). Uma anáfora conceptual/resumativa tem como função resumir toda a informação contida no antecedente referencial de modo a facilitar a leitura/interpretação do recetor. (Exemplo:²⁰ “O Presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, entregou ao secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, o pedido de adesão às Nações Unidas de um estado palestino, o que significa o seu reconhecimento. O pedido estava dentro de uma pasta com a águia que é o símbolo da Palestina e a cerimónia teve lugar minutos antes de Abbas discursar perante a Assembleia Geral da ONU.”. Como se pode constatar pelo anterior exemplo, todo o conteúdo proposicional da primeira expressão referencial, é posteriormente retomado por uma única entidade – um SN – que o resume, ou seja: a cerimónia.

¹⁸ Mendes (2013:1708) – “holonímia/meronímia”

¹⁹ Mendes (2013:1709)

²⁰ Exemplo colhido na “Gramática do Português” – (*Público*, edição online, 23.09.2011 apud Mendes, 2013:1709)

4.2. Princípios de organização das cadeias referenciais

As opções estratégicas utilizadas pelo emissor no que diz respeito ao estabelecimento das cadeias referenciais dentro dum discurso, segundo Mendes (2013:1709), regem-se por “alguns princípios que se prendem com o género de texto, a sua organização, o número de cadeias referenciais que ele contém e a necessidade de manter acessível o referente evitando usar apenas a estratégia da repetição”. Um deles diz respeito à necessidade de usar expressões de semantismo específico e dotadas de grande valor informacional quando se introduz uma nova entidade no universo textual; após essa informação ter sido introduzida, então é possível retomar essa entidade através de expressões anafóricas foneticamente reduzidas e sem grande conteúdo informacional, como os pronomes, por exemplo. Outro diz respeito à saliência de um determinado referente, isto é, à sua acessibilidade na memória de curto prazo; quanto mais acessível estiver, maiores se tornam as possibilidades de usar uma expressão anafórica reduzida. Ainda relacionado com este último ponto, a distância a que se encontra a última menção a um determinado referente também pode determinar o tipo de expressão anafórica. Esses princípios encontram-se, como facilmente se verifica, intimamente relacionados com a coerência textual, a qual envolve a continuidade temática²¹ e a progressão semântica.²²

4.3. Retoma pronominal anafórica

Como atrás já foi dito, as relações anafóricas estabelecem-se sempre que uma mesma entidade referencial é mencionada e/ou retomada ao longo de um texto. No processo de retoma anafórica, também o tipo de anáfora utilizada pode ir variando, ou seja, o locutor/produtor do texto pode ir escolhendo diferentes tipos de expressões de retoma referencial em função dos princípios anteriormente referidos: entre sintagmas nominais plenos, pronomes²³ pessoais, determinantes possessivos, pronomes demonstrativos e advérbios. Tal como existem várias classes de anáfora, também o antecedente anafórico pode surgir sob vários formatos, tendo sempre em atenção que, ao introduzirmos uma entidade nova no universo textual temos de fazê-lo de modo a que o interlocutor/recetor tenha todas as informações necessárias para poder processar a informação: quer isto dizer que o antecedente pode manifestar-se (regra

²¹ A continuidade temática necessitada da recorrência de informação ao longo da sequencialização do texto.

²² A progressão semântica obriga a que o emissor vá adicionando informação nova ao longo da sequencialização textual.

²³ Alguns pronomes podem ter valor deítico ou anafórico.

geral) através de um sintagma nominal precedido de um artigo indefinido, mas também surgir em orações inteiras e, posteriormente ser retomado por “um pronome nulo (semanticamente equivalente a *isso*)”²⁴

O presente trabalho, além de contemplar (numa escala menor) as estratégias de retoma referencial através sintagmas nominais plenos, advérbios, entre outros, recai, sobretudo, nas expressões de retoma que se concretizam em duas estratégias distintas: a elipse e a retoma pronominal (na forma da terceira pessoa). Assim, importa tecer algumas considerações sobre estes dois tipos de anáfora que serão usados na análise de dados empíricos desenvolvida no capítulo 2.

- a) Elipse: Raposo (2013:2182) é da opinião que “alguns processos anafóricos envolvem construções de elipse ou objetos nulos. Assim, sob determinadas condições sintáticas, podem existir expressões elípticas ou objetos nulos interpretados em função de um antecedente presente numa frase anterior.” Importa realçar que a elipse, além da função de sujeito, também pode desempenhar na frase as funções sintáticas de complemento direto, indireto e oblíquo. Por seu turno, Brito, Duarte & Matos (2003:802) alegam que a elipse se dá quando se “utiliza um vazio para remeter para algo que foi dito anteriormente”. Isto significa que, sendo a língua portuguesa uma língua de sujeito nulo, não necessita de materializar a forma pronominal para recuperar um antecedente presente em partes anteriores do discurso: (Exemplo: *o cão* adoeceu gravemente: passados uns dias \emptyset foi encontrado morto no quintal.) Portanto, em determinado tipo de cadeias anafóricas, a expressão anafórica pode não ter realização fonética, correspondendo a um vazio, à omissão de um elemento, o qual é subentendido dentro do contexto sintático e este fenómeno usualmente designa-se por anáfora zero.
- b) Retoma pronominal anafórica: Em relação aos pronomes, importa realçar que, nalguns casos, podem ter uso anafórico, e noutros, uso deítico. Os pronomes²⁵, por si só, não

²⁴ Raposo (2013:2181)

²⁵ Raposo (2013:192) “Considera-se que existe uma hierarquia de referencialidade das expressões nominais em que, no topo, estão os nomes próprios, e, na base, os pronomes. Os nomes próprios são as expressões nominais com maior autonomia referencial, ao passo que os pronomes não têm referência autónoma – adquirem-na deiticamente, através do contexto situacional, ou através de relações anafóricas com expressões nominais dotadas de referência autónoma.”

têm autonomia referencial²⁶, por vezes, os mesmos podem assumir papéis distintos dentro do contexto discursivo.

Segundo Raposo (2013:2194):

“Os pronomes distinguem-se ainda de acordo com a função gramatical que desempenham na oração: formas de sujeito, chamadas nominativas – *eu, tu, você, ele, ela, nós, vós, vocês, eles, elas*; formas de complemento direto, chamadas acusativas – *me, te, o, a, nos, vos, os, as*; formas de complemento indireto, chamadas dativas – *me, te, lhe, nos, vos, lhes*; formas de complemento de preposição, chamadas oblíquas – *mim, ti, ele, ela, nós, vós, etc.* (...) Os pronomes com função de sujeito, em português, podem também corresponder a formas nulas, sem conteúdo fonético.”

5. As estratégias de retoma anafórica na Língua Materna dos informantes

“Si definisce comunemente anafora la relazione fra due elementi linguistici in cui l’interpretazione di uno, detto anafórico, richiede in qualche modo l’interpretazione dell’altro, detto antecedente.”

Andorno (2003:45)

Partindo dos exemplos colhidos junto de aprendentes de PLNM de LM italiana (que mais à frente apresentaremos) podemos afirmar que o uso de expressões anafóricas em italiano é similar ao que fazemos em língua portuguesa.²⁶ O facto de tanto o português como o italiano serem línguas de sujeito nulo, ou seja, duas línguas nas quais o pronome com valor de sujeito (ou os vários tipos de complemento) pode ou não estar realizado lexicalmente no discurso, facilitará, em grande medida, aos aprendentes italianos de PLE a assimilação e a aplicação de coesão e de coerência na produção textual em português.

Se atendermos ao facto de que também a gramática do italiano contém, enquanto língua românica, classes de palavras idênticas às do português tais como artigos (definido e

²⁶ Raposo (2013:2195)

indefinido); pronomes (pessoais e reflexos, possessivos, demonstrativos e indefinidos); advérbios, etc. e tendo ainda em conta que a construção sintática do italiano obedece ao mesmo tipo de ordenação dos constituintes que é aplicado no português, ou seja, sujeito + verbo + complemento (s), podemos pressupor que todos os fatores atrás mencionados terão uma forte influência nas estratégias utilizadas na produção discursiva dos aprendentes de PLE de LM italiana, como poderemos observar nos seguintes exemplos²⁷:

Exemplo 1: "Ho trovato **i miei studenti** e ho preso un caffè con loro."

Eu encontrei **os meus estudantes** e \emptyset tomei um café com eles.

Exemplo 2: "Sono uscita con **la mia amica**... sono stata tutta la sera con lei."

Eu saí com **a minha amiga**... e estive toda a tarde com ela.

A seguinte grelha mostra a caracterização dos pronomes nas duas línguas; note-se que em ambas as línguas os pronomes, sendo variáveis, podem sofrer alteração de género e número, por exemplo: meu, minha / mio, mia; aqueles, aquelas / quelli, quelle; algum, alguns / alcuno, alcuni; etc. Neste sentido, também nas duas línguas os pronomes anafóricos têm de exibir concordância morfossintática relativamente aos seus antecedentes.

Pron Pess		Pron Reflexos		Pron Poss		Pron Dem		Pron Indef	
PT	IT	PT	IT	PT	IT	PT	IT	PT	IT
Eu	Io	Me	Mi	Meu	Mio	Este	Questo	Pouco	Poco
Tu	Tu	Te	Ti	Teu	Tuo	Esse	Codesto	Diverso	Diverso
Ele/ela	Lui/lei	Se/lhe	Si	Seu	Suo	Aquele	Quello	Tanto	Tanto
Nós	Noi	Nos	Ci	Nosso	Nostro	Estes	Questi	Muito	Molto
Vós	Voi	Vos	Vi	Vosso	Vostro	Esses	Codesti	Tudo	Tutto
Eles/elas	Loro	Se/lhes	Si	Seu	Loro	Aqueles	Quelli	Outro	Altro

²⁷ Exemplos fornecidos por aprendentes de PLE da Universidade de Pavia (2016). Traduzidos para português pelo autor deste trabalho.

Observando o seguinte exemplo²⁸ constatamos que as duas línguas seguem os mesmos mecanismos de construção de referência.

Exemplo 3:

“Lei è la principessa iraniana Qajair.

Considerata il simbolo di perfezione e bellezza, Ø ebbe ben **145 pretendenti** provenienti dall'alta nobiltà, **13 di loro** si tolsero la vita per il suo rifiuto.”

Ela é a princesa iraniana Qajair.

Considerada o símbolo da perfeição e beleza, Ø teve bem à volta de **145 pretendentes** proveniente da alta nobreza, **13 deles**, tiraram a vida por causa da sua recusa.

No que diz respeito às cadeias referenciais em contexto intrafrásico e/ou suprafrásico, observamos no terceiro exemplo duas cadeias referenciais: A primeira cadeia inicia-se dentro da primeira frase com uma catáfora em que o pronome pessoal lei / (ela) aparece antes da entidade referencial formada pelo SN “**la principessa iraniana Qajair**” / (**a princesa iraniana Qajair**) que, posteriormente, é retomada na frase seguinte, primeiro através de uma elipse no segmento “ [Ø] ebbe ben 145 pretendenti” / ([Ø] teve bem à volta de 145 pretendentes) e depois através do determinante possessivo “suo [rifiuto]” / (sua [recusa]). A segunda cadeia tem como antecedente o SN “**145 pretendenti**” / (**145 pretendentes**) sendo posteriormente retomada pelo SN (Quant + PronPess) “**13 di loro**” / (**13 deles**).

²⁸ Exemplos fornecidos por aprendentes de PLE da Universidade de Pavia (2016). Tradução nossa.

“[I]n testi di una certa ampiezza, la relazione tra l’espressione anafórica e l’antecedente che instaura il referente è tipicamente mediata da altre espressioni anaforiche. Si forma così una «catena anafórica»: le anafore che la costituiscono sono i suoi «anelli» e l’elemento che instaura per la prima volta il referente all’interno del viene chiamato «capo-catena». Quando vi è una catena anafórica, le anafore, oltre a mostrare la continuità referenziale del testo, ne mettono in scena anche l’unitarietà: un referente associato a un’ampia catena anafórica è infatti caratteristicamente anche il tema di una porzione di testo o dell’intero testo.” – Ferrari (2014:207)

Na citação anterior, Ferrari realça que também as produções textuais escritas em italiano formam cadeias referenciais a partir de um primeiro referente (“capo-catena”) que vai sendo retomado ao longo do texto através de elos (“anelli”) intermédios que têm como função assegurar a continuidade referencial, isto é, a retoma de uma mesma entidade referencial em todo o texto, ou seja, através dos vários tipos de anáfora, nomeadamente a anáfora pronominal e a elipse, tal como podemos observar no seguinte exemplo²⁹:

“Si chiamava **Rodolfo d’Asburgo**, e i principi tedeschi **lo** avevamo eletto re nel 1273 nella speranza che, essendo un cavaleire povero e sconosciuto, [**soggetto sottinteso**] non **li** avrebbe infastiditi troppo. Ma [**soggetto sottinteso**] non avevano fatto i conti con la **sua** abilità e la **sua** giustizia.”

Chamava-se **Rodolfo d’Asburgo**, e os príncipes alemães **o** elegeram rei em 1273 na esperança de que, sendo um pobre e desconhecido, [**sujeito nulo**] não **os** haveria de incomodar muito. Mas [**sujeito nulo**] não haviam contado com a **sua** habilidade e a **sua** justiça.

Como podemos observar: o SN ‘**Rodolfo d’ Asburgo**’ instaura um primeiro referente que vai sendo contextualmente retomado através de um conjunto de anáforas: a primeira retoma dá-se

²⁹ Exemplo colhido em Ferrari (2014:184)

com o pronome pessoal “**lo**”, numa segunda fase através de uma **elipse** que, no texto acima, surge evidenciada através da expressão [soggetto sottinteso], e, por fim, é retomado pelo determinante possessivo “**sua**” que é repetido duas vezes. No mesmo exemplo instaura-se ainda uma outra cadeia que tem como referente o SN “**i principi tedeschi**” que é retomado pelo pronome “**li**” e, na frase seguinte, por elipse.

Para finalizar, e pelos exemplos anteriormente exteriorizados, parece assim comprovar-se que a LM dos informantes do presente trabalho pode ter uma forte influência na produção textual em português como LA pelas semelhanças linguísticas que ambas apresentam, o que pode ser comprovado no seguinte testemunho fornecido por um aluno da Universidade de Pavia (2016):

“Porquê estudo o português?”

Já quando comecei a estudar /as/ línguas estrangeiras querei estudar o português, mas tive dúvidas e na fim comencei à estudar russo. Depois alguns anos ainda estudar o português e <...> este ano posso aprender**lo**.

<...> /As coisas/ que gosto do português <...> são como **Ø** ouve-se e que é muito simil á lengua italiana, porém **Ø** é fazil também. Por isso estou feliz de este curso porque sento que estou aprendendo.

Penso que em futuro irei <...> /a/ Portugal ou a Brazil, porém este curso poderá ser útil. Sou também interessado na cultura lusófona e na <...> cozinha. Gosto muito de comer platos típicos dos países estrangeiros, mas queria mais comer-**os** nos países de origem.

Também pensei de estudar algumas léguas amazónicas e por isso estudar e aprender o português podría ser útil. <...>”

Analisando o último exemplo, podemos observar que o aprendente recorre, de forma adequada, à anáfora pronominal, aplicando-a, no primeiro parágrafo, no segmento “[estudar] **o português** [e este ano posso aprender] **lo**” e no terceiro parágrafo, no segmento “[gosto

muito de comer] **platos típicos** [dos países estrangeiros, mas queria mais comer]-**os** [nos países de origem.]”. Podemos ainda observar no segundo parágrafo que o aprendente recorre também, e de forma adequada, à anáfora zero (ou elipse) que utiliza por duas vezes no segmento “ <...> /As coisas/ que gosto **do português** <...> são como [**Ø**] ouve-se e que é muito simil á lengua italiana, porém [**Ø**] é fazil também.” Ambas as elipses têm como antecedente o SN ‘**o português**’ e ambas correspondem ao pronome pessoal [**ele** ^(o português)].

Do ponto de vista textual, o presente exemplo revela que a escolha do tipo de anáfora é pertinente. No entanto, os problemas que se evidenciam são de natureza morfofonológica e gráfica, os quais se enquadram num outro plano de análise que não o deste trabalho. O mesmo exemplo revela também interferências do italiano que podem estar relacionadas com a similitude entre as duas línguas, o que pode causar uma maior influência da LM na aquisição/aprendizagem da LE/2.

6. A Interlíngua e a transferência linguística

6.1. Aquisição/Aprendizagem de L2

“A aprendizagem de uma língua é tarefa de uma vida, torna-se fulcral o desenvolvimento da motivação, da capacidade e da confiança do jovem para poder enfrentar novas experiências linguísticas fora do meio escolar.” – QECR (2001: 24)

O processo de aquisição/aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) é, em grande medida, um processo complexo devido a fatores de vária ordem que, direta ou indiretamente, nele interferem. Também em relação aos conceitos de aquisição e aprendizagem existem vincadas diferenças. Assim, a aquisição dá-se quando o interlocutor se encontra em situações de contacto direto com falantes nativos da língua alvo, partilhando com estes um sistema de signos (linguísticos, sociais, culturais, etc.) que contribuirá fortemente para os aprendentes de PLE criarem mecanismos que os ajudem a ganhar um maior domínio discursivo da língua

alvo.’. Este processo assenta sobretudo na comunicação que se estabelece de forma inconsciente e intuitiva. Pode-se assim afirmar que este processo não é uniforme devido à influência de fatores externos e também às estruturas cognitivas e de personalidade de cada indivíduo como ser único, as quais fazem parte do próprio processo de desenvolvimento interativo entre línguas. Neste sentido, o termo ‘aprendizagem’ pode referir-se ao processo de assimilação de uma L2 já em idade adulta. O processo de aprendizagem da L2 desenvolve-se, normalmente, em contexto formal em que, também, o aprendente já possui uma clara consciência do processo de aprendizagem da LA que o conduzirá a um domínio mais ou menos proficiente da nova língua. É precisamente durante este processo que o aprendente de LE cria uma interlíngua, ou seja, um sistema linguístico autónomo que tanto difere da sua LM como da LE que está a aprender. Este sistema, além de ser independente, é instável e dinâmico porque vai evoluindo à medida que o aprendente vai recebendo mais *input* e testando as suas próprias hipóteses relativas à LE.

Segundo Baralo (2008:374), os processos responsáveis pela construção da interlíngua sintetizam-se nas estratégias de aprendizagem, permeabilidade, variabilidade, transferência linguística e fossilização.

As estratégias de aprendizagem são definidas como um vasto conjunto de recursos e habilidades utilizado pelos aprendentes de LE nas diversas situações de aprendizagem. Porém, é importante ter em conta que algumas estratégias de aprendizagem podem causar a fossilização, pois o aprendente tende a fazer uso delas quando a sua competência linguística em relação à LE não é suficientemente clara. Em relação à permeabilidade da interlíngua, esta permite que o aprendente filtre regras do sistema linguístico da sua LM e as convoque para o sistema linguístico da L2, ou seja, a permeabilidade dá-se na interlíngua do aprendente de LE através do *input* novo que este recebe, fazendo com que a interlíngua se reestruture e evolua. No que diz respeito à variabilidade, Baralo (2008:381) defende que a mesma ocorre ao nível da produção da interlíngua e resulta dos mecanismos de produção em diferentes contextos comunicativos. Em relação ao conceito de fossilização, Selinker (1972:229) define-o como um conjunto de regras e subsistemas linguísticos que o falante de uma língua nativa tende a manter na sua interlíngua em relação a uma outra LNM por si estudada. Na opinião deste autor, as estruturas fossilizáveis tendem a intervir no desempenho produtivo de uma interlíngua de forma inconsciente. Por seu turno, Ellis (1985:72) é da opinião que grande parte dos aprendentes de uma L2 nunca chega a atingir os níveis mais elevados de aquisição

da LE porque a sua interlíngua fossiliza-se antes de o aprendente atingir os patamares mais elevados do sistema linguístico da LA.

6.2. A Interlíngua como veículo de aprendizagem

“Diferenciar as várias dimensões consideradas na descrição da proficiência em língua e fornecer uma série de pontos de referência (níveis ou patamares) que permitam calibrar o progresso na aprendizagem. Deve ter-se presente que o desenvolvimento de uma proficiência comunicativa envolve outras dimensões para além da dimensão estritamente linguística (p. ex.: a consciência sociocultural, a experiência imaginativa, as relações afetivas, o aprender a aprender, etc.).” – QECR (2001: 27)

Vários teóricos, nomeadamente Corder (1971)³⁰ e Krashen (1978)³¹, defendem que o processo de aquisição de uma LE é semelhante à aquisição da LM do aprendente. Segundo Ellis (1994:314), as influências da LM na LE têm por base os princípios postulados na Gramática Universal, ou seja, o facto de o ser humano ser dotado biologicamente de um dispositivo próprio para a aquisição/aprendizagem de línguas. Para Ellis (1985:71), a língua faz parte do sistema cognitivo do ser humano, e é o *input* recebido pelo aprendente que serve para ativar os seus mecanismos internos de aprendizagem da língua alvo (LA). Na esteira de outros autores, nomeadamente Selinker (1972), os aspetos individuais do aprendente, os conhecimentos adquiridos previamente, a transferência linguística, as variáveis sociais e ainda o contacto com outras LNM tornam-se fatores de relevo na aprendizagem/aquisição de uma L2.

³⁰ Corder: Análise de Erros. Esta hipótese defende que a aprendizagem de uma L2 é feita de forma criativa em que o aprendente formula hipóteses a partir dos dados que tem da L2. Segundo esta teoria, os erros são fruto do processo criativo e devem ser vistos como parte integrante do processo normal da aquisição de uma L2.

³¹ Krashen: Modelo do Monitor. Segundo este modelo, existem duas formas de abordagem à L2 por parte dos aprendentes de uma segunda língua: por um lado a aquisição da L2 pode ser feita da mesma forma que as crianças adquirem a primeira língua, ou seja, através de um processo informal e intuitivo, inconsciente e natural. Por outro lado, podem adquirir a L2 de forma consciente através do conhecimento formal e explícito da língua.

O conceito de ‘interlíngua’³² postulado por Selinker (1972:33) é definido como um sistema linguístico independente que difere tanto do sistema linguístico da LM como do sistema linguístico da LA e que, no entanto, convoca elementos das duas línguas, podendo, por vezes, ser sujeito a fossilização. A interlíngua processa-se de forma dinâmica e sistemática e atravessa os vários níveis de proficiência até o aprendente atingir um nível de conhecimento elevado da LA. Para Selinker (1992:224), a aquisição de uma língua faz-se através de uma constante reorganização do material linguístico existente na interlíngua, de modo a ajustá-lo às regras padronizadas impostas pela L2. De acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL – 2001:214-215), a interlíngua é “uma representação distorcida ou simplificada da competência-alvo” que pode estar na origem da produção de erros que, na opinião da mesma fonte, são inevitáveis por se tratarem do “produto transitório do desenvolvimento de uma interlíngua”.

6.3. A transferência Linguística:

“ (...) Dar uma imagem clara das competências (conhecimentos, capacidades, atitudes) que os utilizadores da língua constroem no decurso da sua experiência de uso da língua e que lhes permite responder aos desafios da comunicação para lá de fronteiras linguísticas e culturais (ou seja, realizar tarefas comunicativas e atividades nos vários contextos da vida social com as condições e as limitações que lhes são próprias).” – QECR (2001: 13)

A transferência linguística caracteriza-se pela influência que uma dada língua (previamente adquirida) exerce na aquisição/aprendizagem de outra língua; a influência que uma LM

³² Selinker *apud* Gargallo (1993:127) – Segundo estes autores a interlíngua é definida como um sistema linguístico separado sobre cuja existência podemos fazer hipóteses no ‘*output*’ de um estudante ao tentar produzir a norma da língua meta.

exerce sobre uma LE desdobra-se em duas modalidades; a transferência positiva e a transferência negativa. A transferência é considerada positiva quando a LM exerce uma influência benéfica na aprendizagem da LA. Quando a influência exercida pela LM nos processos de aprendizagem da LA leva a que o aprendente cometa desvios de vária ordem, então estamos perante uma transferência negativa que pode provocar retrocessos no processo de aprendizagem. A este respeito, Baralo (1999:36) afirma que a aprendizagem se dá por uma transferência de hábitos da língua materna para a língua estrangeira e que a transferência pode ser positiva em todos os casos em que haja coincidência entre os sistemas linguísticos das duas das línguas convocadas, ou seja, as estruturas da língua materna convergem com as estruturas da língua alvo. No entanto, a transferência será negativa se houver diferenças entre os dois sistemas. Por seu turno, Selinker (1992:238) é de opinião que a transferência é a introdução das regras que o aprendente tem do sistema linguístico da LM no sistema linguístico da LA. Segundo o autor, a transferência de regras serve de estratégia ao processamento discursivo na LA, pois existe uma grande tendência, por parte dos aprendentes, para aplicarem, por exemplo, na produção textual da LE, os mesmos moldes que utilizariam na produção discursiva em LM. Ainda de acordo com Selinker, importa realçar que o processo de aquisição de uma LE se desenvolve com maior ou menor rapidez consoante a maior ou menor proximidade genética entre as duas línguas intervenientes na formação de uma interlíngua, ou seja, os traços de maior ou menor proximidade existentes entre a LM do aprendente e a LA que o mesmo pretende atingir. Para o autor acima referido, quanto maior for a proximidade entre as línguas (a título de exemplo: as línguas românicas, nomeadamente, as línguas basilares deste trabalho: o italiano e o português), maior será a possibilidade de ocorrerem influências da língua materna para a língua aprendida e nesse caso, estaremos perante um processo de transferência positiva entre línguas, fortemente favorável à aprendizagem da língua estudada. Porém, será necessário ter em conta que, por vezes, o aprendente utiliza palavras que, sendo próximas morfologicamente, comportam significados distintos entre as duas línguas, ou seja, os ‘falsos amigos’ que podem provocar desvios no processo de aprendizagem. Se, pelo contrário, existir uma grande distância entre duas línguas, menor transferência haverá da língua materna para a língua alvo, o que reduzirá fortemente a probabilidade de acontecerem desvios provocados pelos empréstimos da língua materna no processo de aprendizagem.

Capítulo 2

Metodologia e Análise de Dados Empíricos

1. Introdução

Neste trabalho entendemos por *retoma referencial* toda a expressão referencial (nominal, pronominal ou outra) que retoma um ou vários referentes presentes em expressões referenciais anteriores no texto. Falaremos nestes casos de relação de correferência, não distinguindo, assim, e tendo em conta os objetivos deste nosso estudo, anáfora pronominal de outras formas de correferência.

O nosso estudo empírico teve por base o *corpus PEAPL2, Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 do CELGA-ILTEC* (doravante identificado através da sigla PEAPL2). Do subconjunto de textos produzidos por aprendentes de italiano como LM disponibilizados neste *corpus*, organizámos um *subcorpus* de 40 textos, de níveis A1, A2, B1 e B2. Este conjunto de produções escritas constitui o nosso *corpus* de análise e será doravante designado por *corpus-Textos*. Nas secções 1.2 e 1.3, será feita a descrição desta base de dados e dos respetivos informantes.

1.1. Metodologia

Tendo por base este material (e tendo em conta os objetivos deste nosso trabalho) procedemos ao levantamento e classificação de todas as ocorrências de estruturas de *retoma referencial*, intrafrásica ou suprafrásica, com função argumental (retomas com função de sujeito, complemento direto, complemento indireto ou complemento oblíquo). Como explicaremos mais adiante, outros contextos de retoma foram considerados, em fases distintas do nosso estudo, mas, por razões de ordem prática, apenas as ocorrências com estatuto argumental foram tratadas para efeitos de contabilização final. Estas ocorrências foram classificadas, de acordo com categorias relacionadas com (i) a estrutura do constituinte, (ii) a função sintática do constituinte e (iii) o nível frásico em que se estabelece a relação de correferência (intrafrásico ou suprafrásico). Este terceiro conjunto de dados constitui o nosso *corpus* de análise (que doravante designaremos por *corpus-Estruturas*). Foram igualmente contabilizadas as *expressões antecedentes* (expressões correferenciais imediatamente anteriores na sequência discursiva) categorizadas de acordo com a sua estrutura interna. Na secção 1.4. descreveremos estes procedimentos.

Ficaram excluídas desta recolha determinados contextos de retoma, por apresentarem especificidades de comportamento que não serão aqui tratadas. Na secção 1.5. apresentaremos detalhadamente estas situações.

1.2. Descrição do *Corpus-Textos*

O *corpus* aqui em análise, *corpus-textos*, foi constituído a partir do acervo linguístico PEAPL2 (CELGA-ILTEC)³³, e é composto por 40 textos produzidos por aprendentes de PLE de LM italiana. Os textos que o constituem subdividem-se em quatro níveis de proficiência (QECRL): A1 = 10 textos; A2 = 10 textos; B1 = 12 textos; B2 = 8 textos. Para que os resultados apresentados fossem equilibrados e, não tendo sido possível obter o mesmo número de textos nos níveis de proficiência intermédios (B1 e B2), optou-se por reorganizar o *corpus* em dois subgrupos, a saber, (i) um grupo de iniciação, composto pelos textos dos níveis A1 e A2 e (ii) um grupo intermédio, correspondendo ao conjunto de textos dos níveis B1 e B2. Obtivemos, assim, um número igual de textos (20) para cada um dos níveis de proficiência aqui tidos por referência. No seu conjunto, os quarenta textos analisados perfazem um total de 8 983 palavras, das quais 3 387 correspondem ao grupo dos níveis de iniciação (A1 + A2) e as restantes 5 596 ao grupo dos níveis intermédios (B1 + B2).

Dada a diversidade dos *estímulos* (e áreas temáticas) utilizados na recolha das produções do PEAPL2, importa referir aqui também essa variação, tendo em conta a sua natural relação com o tipo de estruturas textuais em análise.

Assim, no conjunto dos 40 textos em análise (*corpus-Textos*), pudemos encontrar exemplos de produções que respondem a diferentes áreas temáticas (Indivíduo, Sociedade e Meio Ambiente) e estímulos. Na tabela que se segue, resumimos este tópicos usados nos enunciados para a recolha das produções escritas. Verificamos estímulos direcionados para o **indivíduo** (códigos: 1.1A; 6.1B; 33.1J), os quais apresentam diferentes paradigmas textuais, tais como: as características físicas, a vida familiar, os gostos pessoais do aprendente,

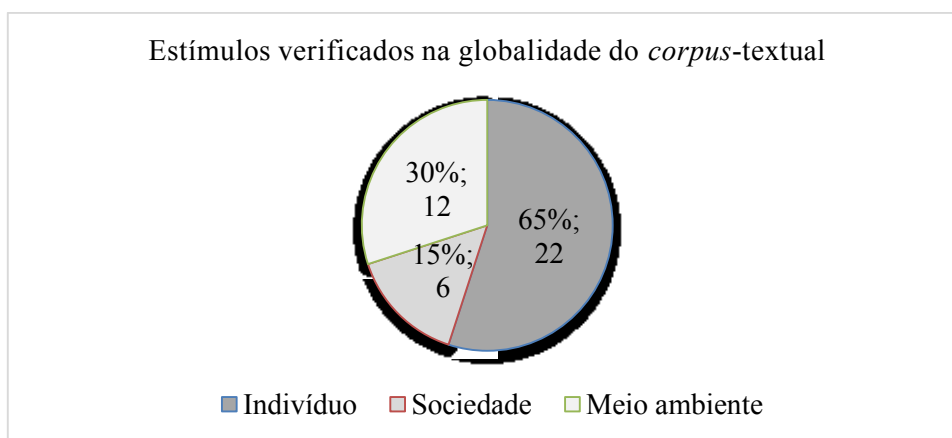
O texto em forma de carta, o qual contempla a produção de uma carta a um amigo; **a sociedade** (códigos: 50.2L; 52.2L; 55.2M) que foca a observação e exposição do aprendente em relação a aspetos culturais, geográficos e sociais do seu país de origem, além do contacto

³³ Informação disponível em: www.uc.pt > FLUC > Recolha de Corpora de PL2

com culturas diferentes da sua, nas quais se englobam as dificuldades sentidas, as diferenças e as semelhanças verificadas; **o meio ambiente** (códigos: 69.3Q; 75.3S; 77.3T) prende-se aos contrastes existentes entre a vida no campo e a vida na cidade e englobam viagens realizadas e/ou idealizadas, meios de transporte e o bairro onde moram, para o qual propõem mudanças que possam trazer vantagens à vivência quotidiana dos habitantes em geral.

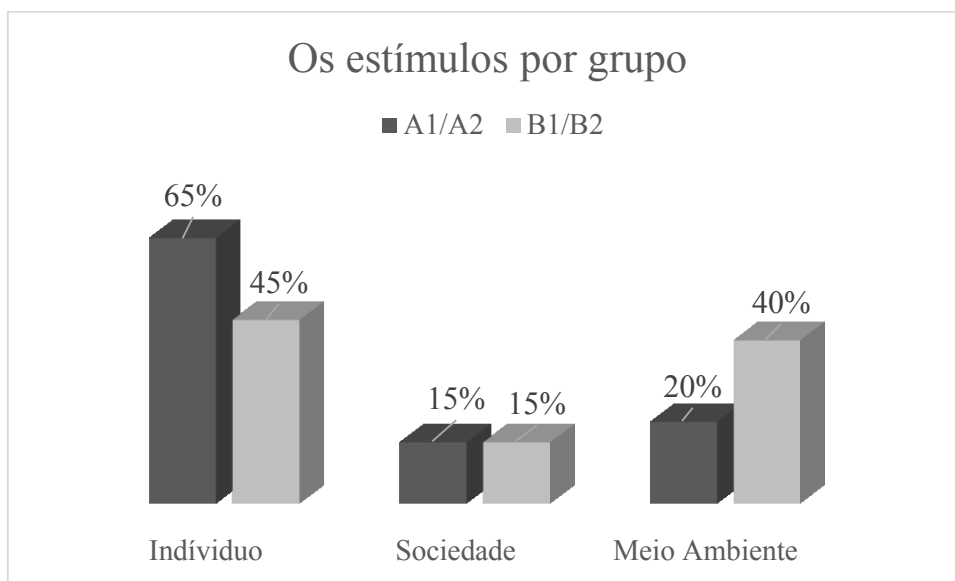
Observámos que a maioria dos informantes (22) optou por produzir textos a partir dos estímulos direcionados para o indivíduo, o que corresponde a 65% do *corpus*; Os restantes textos distribuem-se pelos estímulos relacionados com a sociedade (15%) e com o meio ambiente (30%).

Gráfico 1



No entanto, quando repartimos as percentagens globais (apresentadas anteriormente) pelos dois grupos (A1/A2 e B1/B2) verificamos que o grupo de iniciação escolheu preferencialmente estímulos relacionados com o indivíduo (65% dos casos), seguindo-se os estímulos relativos à área temática do meio ambiente (20%). Em contrapartida, os informantes dos níveis B1/B2 apresentam respostas que se distribuem de modo equilibrado ora por estímulos relacionados com o indivíduo (9 informantes = 45%), ora por estímulos referentes ao meio ambiente (8 informantes = 40%). Como pode ser observado no gráfico 2, apenas uma pequena percentagem (15%), em ambos os grupos de proficiência, escolheu a sociedade para estímulo dos textos produzidos.

Gráfico 2



Transcrevem-se, de seguida, e a título meramente ilustrativo, exemplos de textos relativos às três áreas temáticas referidas:

→ **O indivíduo:**

“Querida XXXXX,

Cá estou muito bem, e tu, como estás? Estou há 4 meses e tenho muita saudade da minha mãe e das minhas irmãs. Queria ficar <(...)> na casa <(...)> e descansar-me porque estou <(...)> a estudar muito e preciso de entrar em férias. A verdade é que também queria ficar um bocadinho de tempo contigo e teu marido, lembro-me todos os dias /quando/ <(...)> ficámos junto na praia, a brincar e a jogar. [...] Estou muito preocupada, porque o tempo passa tão depressa. Dá um beijo a XXXXX, telefono-te quando chego. Levo-te um presente muito especial.

Muitos beijinhos e até breve,

XXXXX”

→ **A sociedade:**

“ Comer é um dos prazeres da vida. Eu gosto de comer não muitas coisas, não comidas muito elaboradas; gosto mais das comidas simples. Eu sou italiana e como toda a gente sabe em Italia se come muita “pasta”. <Ha> /Existem/ mesmo muitas maneiras de cozinhar pasta <,> e se tens fantasia pode-se <preparar> preparar um tipo de pasta cada dia diferente. A pasta que gosto mais é “Lasagne”, em particular aquelas <feitas> que a minha avó faz. Mas pasta não é a minha comida preferida. De facto prefiro mais doces, em particular o chocolate. Gosto muito dos doces portugueses, <ha muita (...)> /pastel de nata, bolo de arroz.../ mas também tenho saudade dos doces e de toda a cozinha italiana.”

→ **O meio ambiente:**

“É melhor viver na cidade o no campo? Como todas as grandes perguntas do ser humano, também <(…)> esta tem varias respostas, segundo as preferências das pessoas, mas também segundo as condições e a situação concreta em que a pessoa iria viver. <(…)> Viver numa grande cidade não será o mesmo que viver numa cidade mais pequena, como Coimbra. E a vida numa casa de campo na serra, onde nem sequer os telemóveis funcionam, é muito <diff> diferente da vida no campo mas com o autocarro à porta. Para mim, já tenho experimentado as várias opções e bem sei que há coisas boas e coisas más em cada uma delas.

[...]

Vivi também em varias cidades, grandes e pequenas, e acho que não podem ser comparáveis. Cada uma delas tem uma qualidade da vida diferente, dependendo dos meios de transporte públicos, do numero de escolas e hospitais, e maximamente da boa vontade da gente que lá mora.

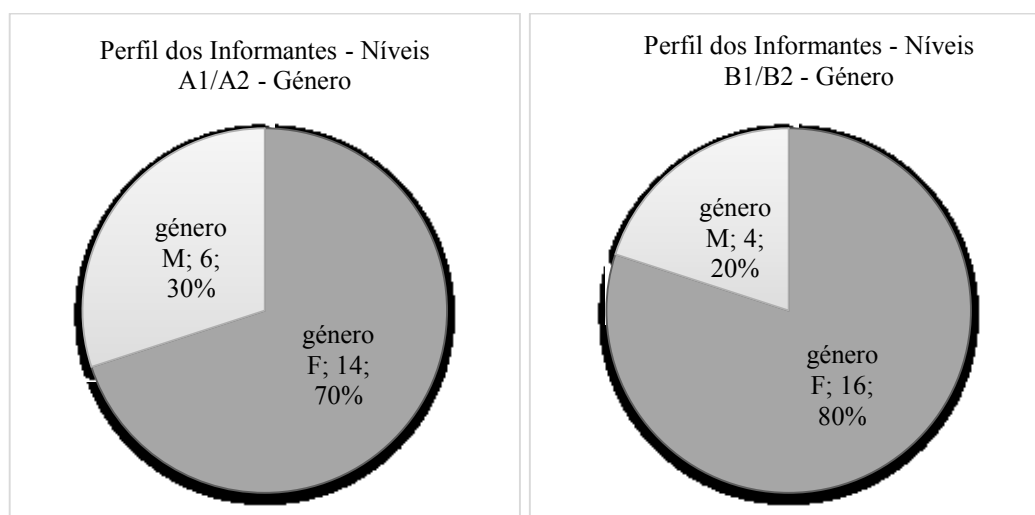
[...]

No final, <o meu co> a minha ideia é a seguinte: ao comprar casa, não se pode partir com ideias preconstituídas. Temos que avaliar cada proposta com as suas características reais.”

1.3. Perfil dos Informantes

Em relação ao perfil dos informantes, trata-se de estudantes inseridos em programas de mobilidade (Erasmus), que permanecem em Portugal por períodos de um ou dois semestres. Apresentam, na sua totalidade, nacionalidade italiana e, com exceção de um sujeito (de nível iniciação) nascido na Croácia, todos indicam a Itália como país de nascimento. No seu conjunto, estes informantes são, na sua maioria, do género feminino, tal como pode ser verificado nos gráficos 3 e 4:

Gráficos 3 e 4



No que diz respeito à idade dos informantes, esta sofre grandes oscilações. Assim, nos níveis iniciais, a data de nascimento dos informantes oscila entre os anos de 1983 e 1989, sendo o ano de 1983 aquele que regista um maior número de casos.

Já no que diz respeito aos níveis intermédios verifica-se um período de tempo mais extenso que vai desde 1972 a 1990, porém, neste grupo os anos de 1987, 1988, 1989 e 1990 nivelam-se entre si no número de informantes com idades compreendidas entre os 20 e os 23 anos à data da recolha do material aqui analisado.

Como se pode observar na seguinte grelha, além do que atrás foi dito, existe ainda um caso em que o informante não respondeu a esta questão.

Grelha 1

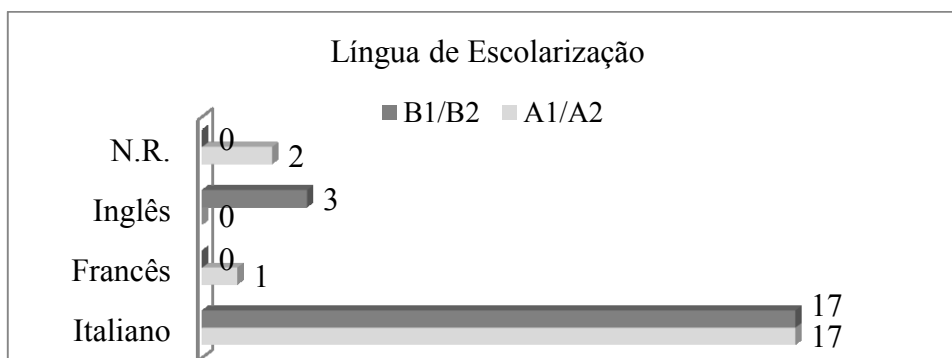
Data de Nascimento dos Informantes				
Ano	A1/A2		B1/B2	
1990	0	0%	3	15%
1989	1	5%	3	15%
1988	3	15%	3	15%
1987	3	15%	3	15%
1986	2	10%	0	0%
1985	2	10%	0	0%
1984	3	15%	0	0%
1983	5	25%	0	0%
1980	0	0%	1	5%
1979	0	0%	2	10%
1978	0	0%	1	5%
1977	0	0%	2	10%
1972	0	0%	2	10%
N.R.	1	5%	0	0%

1.3.1. Língua de Escolarização dos Informantes:

Em relação à língua de escolarização, a maior parte dos informantes indica a língua italiana. Existem apenas quatro casos com informação divergente: um informante nos níveis de iniciação, que apresenta como língua de escolarização o francês; e três informantes nos níveis intermédios, que indicam a língua inglesa como língua de escolarização.

Como se pode verificar no gráfico 3, há ainda dois informantes no grupo de iniciação que não forneceram informação a este respeito.

Gráfico 5



1.3.2. Contacto com outras LNM

Um outro parâmetro para a caracterização do perfil destes informantes é o conhecimento de outras LNM. Supõe-se que todos os informantes tenham contactado com outras línguas não maternas, no entanto, há dois elementos em cada grupo que não respondem a esta questão. As LNM com as quais trinta e seis informantes tiveram e/ou mantêm contacto diversificam-se entre o francês, o espanhol, o croata, o chinês, o alemão e o inglês. Tal como seria de esperar, e pode ser confirmado na grelha 2, o contacto com a língua inglesa sobressai em ambos os grupos, quer seja de forma individual (que corresponde a 30% no grupo de iniciação e 8% no grupo intermédio), quer seja agrupada com outras línguas.

Grelha 2

Contacto com outras LNM				
LNM	A1/A2		B1/B2	
Inglês	12	30%	3	8%
Inglês/Chinês	0	0%	2	5%
Inglês/Espanhol	2	5%	2	5%
Inglês/Francês	3	7%	2	5%
Inglês/Croata/Francês/Alemão	1	3%	0	0%
Inglês/Chinês/Alemão	0	0%	1	3%
Inglês/Espanhol/Alemão	0	0%	3	8%
Inglês/Espanhol/Francês	0	0%	2	5%
Inglês/Francês/Alemão	0	0%	1	3%
N.R.	2	5%	2	5%

Mostram-nos ainda os dados que no nível intermédio existe um maior número de informantes que contactam com mais de duas LNM. As várias combinatórias manifestam-se da seguinte forma: Inglês/Chinês/Alemão (equivalente a 3%); Inglês/Espanhol/Alemão (equivalente a 8%); Inglês/Espanhol/Francês (equivalente a 5%) e Inglês/Francês/Alemão (equivalente a 3%). Por seu turno, no grupo de iniciação existe apenas um sujeito que indica contacto com mais de duas línguas.

1.4. Seleção e tratamento das expressões de retoma referencial

Numa primeira fase de recolha de dados, procedeu-se ao levantamento de todas as situações de retoma referencial presentes nos textos do *corpus*-textual. Num segundo momento, e dados os objetivos, entretanto definidos, para o estudo, restringimos a nossa análise aos casos de retoma referencial em determinados contextos sintáticos e frásicos, como de seguida passamos a ilustrar.

1.4.1. As formas de antecedente

Verificámos nas estruturas contempladas a existência de antecedentes referenciais formados por:

Oração: “**A qui toda a gente bebe e droga-se**... mas eu não gosto de fazer *isso!*”

→ SN formado por um artigo definido e um nome (ArtDef + N): “**O predio** onde fica o andar era uma escola e depois [Ø] foi renovado e partilhado em andares nos anos ’70.”

→ SN formado por um artigo indefinido e um nome (ArtIndef + N + Prep + N): “há uns anos comecei **uma actividade de ornitologista**, que iniciou como simple observação das aves para <diversão> diverção, até <(.)> [Ø] tornar-se uma actividade científica no campo.”

→ SN formado por um artigo indefinido mais nome e um adjetivo (ArtIndef + N + Adj): “Gosto de **um rapaz português** que se chama XXXXX e [Ø] tem 21 anos mas *ele* já tem namorada!

→ SN formado por um artigo indefinido mais um determinante indefinido e um nome (ArtIndef + DetIndef + N) “[J]á não haveram outros problemas (excepto aquela vez que a EDF cortou-me a electricidade durante uma semana...Mas esta é **uma** <Bom,> **outro história**, vou contar-te-*la* na próxima carta.”

→ SN formado por um determinante demonstrativo mais um nome (DetDem + N): “[G]osto muito de morar **naquele bairro** (...) É bom morar *ali*.”

→ SN formado por um artigo definido mais um determinante possessivo e um nome (ArtDef + DetPoss + N): “**O meu país** é a Itália e acho que é bastante difícil descrevê-*lo* em poucas linhas”

- SN formado por um determinante demonstrativo, um adjetivo, uma preposição e um nome (DetDem + Adj + Prep + N): “E lembrás **aqueles loucos dos professores?** *A* de literatura italiana <que> sempre estava chateada com o mundo inteiro e gritava, gritava, mas nós não percebíamos por que <,> e dávamos risada.”
- SN formado por um quantificador mais um nome (Quant + N): “Não há **muitos locais** onde poder encontrar-se a noite e *os poucos* são só bar-erasmus, onde beber, beber e ficar bebedos...”
- SN formado por um artigo definido mais um quantificador e um nome (ArtDef + Quant + N): “Eu experimentei **as duas vidas**, *a* no campo e *a* na cidade, nas <(…)> **aquela** na qual sinto-me mais eu mesma só e sempre será no campo com os passerros voar felizes e a natureza fazer o seu percurso.”
- SN formado por um quantificador mais um nome e um adjetivo (Quant + N + Adj): “[É] uma região cumprida e quasi completamente à beira mar. (...) Foi sujeita a **muitas dominações diferentes** nos séculos passados e tem como monumentos principais igrejas e conventos, sendo *a dominação mais recente* aquela espanhola.”
- SN formado por um nome e um adjetivo (N + Adj): “Que **momentos lindos, maravilhosos**... <Embora eu tenha> Mas <n> tenho de dizer-te que agora estou muito bem, embora eu tenha muita vontade de voltar a viver *aqueles momentos*”
- SN Reduzido: “Na altura não falava **francês** e não *o* compreendia.”

1.4.2. A forma de retoma referencial

Tal como se verificou nos exemplos do ponto 1.4.1. sobre as diversas formas dos elementos referenciais que constituem o antecedente, também as formas da retoma verificadas no *corpus* analisado seguem diferentes tipologias de construção tal como pode ser observável nos seguintes exemplos, nos quais a retoma da entidade referencial é feita através de:

- Advérbios de natureza temporal ou espacial (Adv): “Em frente do meu quarto, há **outras casas** e da minha janela posso ver os que moram **ali**.”
- Elipse (ou anáfora zero): “Também no trabalho tive sorte, **os meus colaboradores** aí são simpáticos e **[Ø]** ajudaram-me a resolver os problemas práticos.”
- Pronome (pessoal, demonstrativo e outros): “**Os meus pais** não são felizes que estou aqui. (...) Acho que **eles** têm razão porque aqui toda a gente bebe e droga-se...”

- Quantificador (Quant): “Quase **toda a gente** percebe <dia> o dialecto da região mas só poucos o falam, também porque isso é considerado sinal de pouca cultura.”
- SN formado por um quantificador mais um nome (Quant + N): “O único problema talvez seja a delinquência, naquela zona; se calhar é melhor não estacionar **o carro** perto do Arco de Almedina porque no último mês foram assaltados muitos carros.”
- SN formado por um quantificador mais um determinante demonstrativo e um nome (Quant + DetDem + N): “Além há **muitas casas** abandonadas, que são também fascinosa mas é numero destas acho eu que é demasiado elevado, se calhar é possível que não há dinheiro para restructurar todos estes edifícios.”
- SN formado por um determinante demonstrativo mais um nome (DetDem + N): “(os anilhos têm **códigos: letras e cor**) e <os> /esses/ datos, <mesmo sejam> /que podem ser/ recolhidos por <(…)> qualquer pessoa são muitos importantes para el estudio dos movimentos das aves na Europa.”
- SN formado por um advérbio mais uma preposição e um nome (Adv + Prep + N): “Em comparação com Bolonha (...) qualquer parte de **Coimbra** é super segura, apesar de partilhar os meus fins-de-semana com tipos raros <(…)> /que passiam/ entre a rua Magalhais e os becos da parte mais próxima da baixa. Mas nunca me senti em perigo desde que moro cá em Coimbra.”
- SN formado por um artigo definido mais um nome e um adjetivo (ArtDef + N + Adj): “Porquê **a comida** é outro <aspécto> aspecto importantissimo da Cultura italiana, mas a cozinha italiana é tão conhecida que não vale a pena escrever mais sobre esto assunto!”
- SN formado por um artigo definido mais um nome, seguido de uma preposição e um determinante demonstrativo (ArtDef + N + Prep + DetDem): “Além há **muitas casas** abandonadas, que são também fascinosa mas o numero destas acho eu que é demasiado elevado”
- SN formado por um artigo definido mais um nome (ArtDef + N): “**Homens...** / acabei com o XXXXX e agora sou solteira.”
- SN formado por um artigo indefinido mais um nome e um adjetivo (ArtIndef + N + Adj): “**Homens...** (...) Gosto de um rapaz português que se chama XXXXX”
- SN formado por um pronome pessoal mais uma preposição seguida de um nome (PronPess + Prep + N +...): “E lembrás **aqueles loucos dos professores?** A de

literatura italiana <que> sempre estava chateada com o mundo inteiro e gritava, gritava, mas nós não percebíamos por que <,> e dávamos risada.”

→ SN formado por um artigo definido mais um nome, seguido de uma preposição e nome (ArtDef + N + Prep + N): “Uma grande cidade oferece <sim> com certeza **mais oportunidades** (...) Perde-se o sentido da importância de um evento, porque depois <(…)> daquilo vai haver outro, e outro ainda. A multidão de possibilidade <confunde> as vezes confunde em vez de estimular.”

1.4.3. A retoma referencial em termos de função sintática

Como já anteriormente referimos, a nossa análise direcionou-se para a retoma referencial em situações argumentativas, por esse motivo todos os elementos de retoma na cadeia referencial contabilizados na nossa coleta de dados foram categorizados consoante a função sintática que desempenham no segmento frásico, nomeadamente a função de sujeito, complemento direto, complemento indireto e complemento oblíquo, que passaremos a ilustrar com alguns exemplos em a), b), c) e d):

Exemplos de retoma referencial com função de SU

→ “**A minha cidade** tem importantes rastros da época romana (é preciso destacar que ela situa-se mesmo onde aconteceu o famoso assunto da passagem do Rio Rubicone).”

→ “**A** <mih> **minha região** chama-se «Romagna» e [Ø] situa-se à leste da península,”

→ “Lembro-me que na escola erávamos censurados se apanhados a falar entre nós em dialecto; isto acontecia em 1980, talvez hoje as coisas tenham mudado.”

→ “Quase **toda gente** percebe <dia> o dialecto da região ma só poucos o falam.”

→ “Como sabes, no ano passado vivi em **Lyon**, na França. A cidade é maravilhosa e gostei logo dela.”

Exemplos de retoma referencial com função de CD

→ “Eu quero escrever algumas coisas sobre o meu país, a Italia e sobre **a minha região** que chama-se Umbria. Ela fica exatamente no centro do país e por isso <pomedo> podemos <chamá-la> chama-la o coração da Italia.

→ “**O meu país** é a Itália e acho que é bastante difícil descrevê-lo em poucas linhas.”

→ “A posição geográfica do **Portugal** situa-o mesmo na ruta migratória das gaivotas e dos aves limícolas”

→ “Fico à espera de notícias tuas, poderias **escrever-me** pelo menos *algumas linhas* por e-mail...”

Exemplos de retoma referencial com função de CI

→ “Acho que **esta parte da cidade** é a mais linda, mas falta [Ø] um pouco de participação cultural e social.”

Exemplos de retoma referencial com função de C Obl

→ “Como sabes, no ano passado vivi em **Lyon**, na França. **A cidade** é maravilhosa e gostei logo *dela*.”

→ “ (...) não gostava **das minhas colegas**. Discuti com *elas* depois dez dias e o dono expulsou-me, sem entregar-me o dinheiro.”

→ “**Homens**... (...) Gosto de *um rapaz português* que se chama XXXXX”

→ “Gosto muito de ver filmes e de ir **ao cinema**, por isso se poder eu vou *lá* todas as semanas.”

→ “Lembro que quando fui para **Lisboa** foi muito facil ir para *ali* de comboio.”

1.4.4. Contexto sintático da relação de correferencialidade (intra ou suprafrásica)

O último aspeto da nossa análise de dados prende-se com o contexto de correferencialidade em que se estabelecem as relações entre os constituintes que servem de referente e os constituintes que concretizam a retoma, nomeadamente, (i) em contexto intrafrásico (quando uma relação anafórica se estabelece entre elementos dentro da mesma frase ou (ii) em contexto suprafrásico (quando a relação anafórica é estabelecida entre segmentos situados em diferentes frases e/ou partes distintas do texto) como podemos verificar nos exemplos seguintes:

a) Exemplo de retoma anafórica em contexto Intrafrásico

“Tenho que falar com **minha mãe** porque **o master** é muito caro e não sei se **ela** consegue de pagar-**o**.”

b) Exemplo de retoma anafórica em contexto Suprafrásico ou Textual

“Eu faço **muito desporto**.

Cada semana eu faço **karate** (dois vezes cada semana, na segunda e na quarta feira a tarde), **boxe**, <(...)> também **isto desporto** dois vezes cada semana, na terça e na quinta a tarde):”

Assim, nos exemplos anteriores podemos observar que em a) existem duas cadeias referenciais em contexto Intrafrásico que se concretizam nos antecedentes formados por SN (DetPoss + N) – *minha mãe* – e SN (Art Def + N) – *o master* – os quais são retomados anaforicamente pelos pronomes pessoais [ela] e [-o], respetivamente. Já no exemplo b) verificamos uma relação de parte-todo em que o holónimo [desporto] é retomado no segmento textual seguinte através dos merónimos [karate] e [boxe] e, mais adiante, verificamos a retoma do merónimo [boxe], realizado no SN (Det Demonst + N) *isto desporto*, encontrando-se esta relação do elemento [boxe] com a expressão [isto desporto] novamente em contexto intrafrásico.

2. Análise de Dados Empíricos

2.1. Forma do antecedente em A1/A2 e B1/B2

2.1.1. Forma do antecedente em A1/A2

A grelha 3 dá-nos uma perspetiva geral da forma dos constituintes que servem de antecedente a expressões anafóricas usadas nos textos produzidos pelos informantes dos níveis de proficiência A1/A2. No universo textual de 3404 palavras que constitui o *corpus-textos* foram observáveis 10 configurações da forma de antecedente, nas 52 estruturas de correferencialidade verificadas. O maior número de ocorrências registadas no *corpus-estruturas* reparte-se por três padrões de estruturas preenchidas por: SN (ArtDef + DetPoss + N), correspondendo a 9 ocorrências que perfazem 17% em termos percentuais; 18% de casos de estrutura formada por um SN Reduzido que se verifica em 10 ocorrências; a estrutura constituída por um SN (ArtDef + N) regista-se nos 19%. Na mesma grelha podemos ainda observar que também as estruturas formadas por uma oração e por SN (DetPoss + N) registam 11% do número de ocorrências e as estruturais formadas por SN (DetPoss + N) registam 10% do número de utilizações. Por fim, as restantes estruturas contabilizadas repartem entre si, valores percentuais que vão de 2%, 4% e 6%, os quais correspondem a uma utilização do SN (Quant + ArtDef + Prep + N); duas utilizações dos SN formados por (ArtIndef + N) e por (Quant + N) e, por último, com 3 utilizações surgem os SN formados por (ArtIndef + N) e por (N + Adj).

Grelha 3

A1/A2 Forma de Antecedente	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus-Estruturas</i>
Oração	6	11%
SN (ArtDef + N)	10	19%
SN (ArtIndef + N)	3	6%
SN (DetDem + N)	2	4%
SN (ArtDef + DetPoss + N)	9	17%
SN (DetPoss + N)	6	12%
SN (Quant + N)	2	4%
SN (Quant + ArtDef + Prep + N)	1	2%
SN (N + Adj)	3	6%
SN Reduzido	10	19%

Os dez tipos de estruturas são exemplificados nos segmentos que se seguem:

- Oração: “Ontem fui à jantar de curso com todos os <(…) > colegas da universidade: [Ø] foi giro!”
- SN (ArtDef + N): “**o master** é muito caro e não sei se ela consegue de pagar-o.
- SN (ArtIndef + N): “TENHO **UM IRMÃO** MAIS JOVEM. **ELE** TEM 18 ANOS.”
- SN (DetDem + N): “**Este mercado** ainda fica no centro da cidade, mas [Ø] <só um pouco > foi criada uma específica estrutura coberta, como o mercado que temos <o > aqui em Coimbra.”
- SN (ArtDef + DetPoss + N): “**A minha irmã** tem 16 anos e **o meu irmão** 23. **Eles** são mais altos do que eu, e [Ø] não são tão fortes como eu, mas **eles** também têm óculos.”
- SN (DetPoss + N): “Naturalmente **minha mãe** e **meu pai** <des > detestam o /meu/ modo de comer, **eles** esperam que um dia tenho de começar a comer todo.”
- SN (Quant + N): “Tenho **dois irmãos**, **umo** mais velho que se chama XXXXX e **umo** mais jovem que se chama XXXXX.”
- SN (Quant + ArtDef + Adj + Prep + N): “Esperimentei quase **tódos os tipos de tostas** que se cosinham em Coimbra; e quando a cantina já está fechada, ou não tenho comida em casa <(…) > vou direito para o Teatro Gil Vicente para gostar **este prato** tão bom.
- SN (N + Adj): “como **comidas portuguesas** todos os dias . **A comida** que <eu > gosto mais (...)”
- SN Reduzido: “A melhor cidade <do mundo > /qu eu vi/ <(…) > foi para me **Amsterdam** porque [Ø] tem um atmosfera.”

Importa ainda realçar (e como pode ser observável na anterior tabela) que em termos percentuais relacionados com o *corpus-textos*, os valores aqui apresentados não mostram qualquer expressividade, apenas o SN formado por um artigo definido mais um nome ganha algum relevo ao apresentar valores na casa dos 1% em todo o universo textual que constitui o subcorpus produzido pelos informantes dos níveis A1/A2.

2.1.2. Forma do antecedente em B1/B2

Em relação ao grupo composto pelos níveis B1/B2 (como é observável na grelha 4) verificaram-se 17 categorias de antecedente referencial repartidas por 128 segmentos textuais verificados em 5596 palavras que compõem o *subcorpus* de textos produzidos por estes níveis de proficiência.

Podemos constatar que este grupo recorre em maior número à forma de antecedente concretizada no SN formado por um artigo definido mais um nome (ArtDef + N), a qual se distancia em larga escala das outras formas de antecedente, correspondendo o seu número de utilizações a 31% das ocorrências verificadas no conjunto das 17 categorias de antecedente coletadas, o que se traduz em valores absolutos em 39 utilizações desta forma de antecedente.

Em segundo lugar surge o antecedente formado por um SN Reduzido, o qual se reflete em 24 ocorrências que se traduzem em valores percentuais do *corpus-estruturas* em 19% de utilizações.

Com os 11% de ocorrências surge o antecedente formado pelo SN (ArtDef + DetPoss + N) o que perfaz 14 aplicações no todo textual produzido por estes aprendentes. Ganha ainda algum relevo o antecedente formado pelo SN (Quant + N), sobre o qual se verificam 12 ocorrências que equivalem a 9% do número de utilizações.

Todas as outras formas de antecedentes inventariadas distribuem-se por valores percentuais entre os 1 e 5% que correspondem: 6 ocorrências (5%) em antecedentes formados pelos SN (ArtIndef + N) e (DetDem + N); com 3 ocorrências surgem os SN formados por (ArtIndef + N + Adj) e SN (PronPess + Prep + N) que correspondem em valores percentuais a 2%; com 2 ocorrências registadas aparece o SN (DetDem + Adj + Prep + ArtDef + N) que iguala em termos percentuais os 2% verificados nos últimos casos aqui identificados.

Por fim, com apenas 1 ocorrência detetada surgem as seguintes formas de antecedente: SN (ArtIndef + DetIndef + N); SN (Quant + ArtDef + N); SN (ArtDef + Quant + N); SN (ArtIndef + Quant); SN (N + Adj); SN (Quant + N + Adj); SN (ArtDef + N + Quant + Adj), que em termos percentuais (relacionados com os valores indentificados no *corpus-estruturas*) não vão além dos 1% de utilizações.

Grelha 4

B1/B2 Forma de Antecedente	Valores Absolutos	Valores Percentuais: Corpus-Estruturas
Oração	11	9%
SN (ArtDef + N)	39	31%
SN (ArtIndef + N)	6	5%
SN (ArtIndef + DetIndef + N)	1	1%
SN (ArtIndef + N + Adj)	3	2%
SN (DetDem + N)	6	5%
SN (ArtDef + DetPoss + N)	14	11%
SN (Quant + ArtDef + N)	1	1%
SN (Quant + N)	12	9%
SN (ArtDef + Quant + N)	1	1%
SN (ArtIndef + Quant)	1	1%
SN (N + Adj)	1	1%
SN (Quant + N + Adj)	1	1%
SN (DetDem + Adj + Prep + ArtDef + N)	2	2%
SN (ArtDef + N + Quant + Adj)	1	1%
SN (PronPess + Prep + N)	3	2%
SN Reduzido	24	19%

De seguida passaremos a apresentar alguns exemplos de estruturas argumentais em que assentam as 17 categorias de antecedente referencial que atrás acabámos de mostrar:

→ SN (ArtDef + N): “Espero que quando volto a Coimbra, depois das férias, posso alugar um quarto à casa do XXXXX (<o rapaz do que gosto e de quem> já falei *dele* <noutro> trabalho no dia 2!).”

→ SN (ArtIndef + N): “Perde-se o sentido da importância de um evento, porque depois <(…) > *daquilo* vai haver outro, e outro ainda.”

→ SN (ArtIndef + DetIndef + N): “já não haveram outros problemas (exacto aquela vez que a EDF cortou-me a electricidade durante uma semana...Mas esta é uma <Bom,> outro história, vou contar-te-*la* na próxima carta.”

- SN (ArtIndef + N + Adj): “Gosto de um rapaz português que se chama XXXXX e [Ø] tem 21 anos mas *ele* já tem namorada!”
- SN (DetDem + N): “O único problema talvez seja a delinquência, naquela zona; se calhar é melhor não estacionar o carro perto do *Arco de Almedina* porque no último mês foram assaltados muitos carros.”
- SN (ArtDef + DetPoss + N): “Os meus pais não são felizes que estou aqui. [Ø] Têm saudade de mim e estão preocupados. Acho que *eles* têm razão porque aqui toda a gente bebe e droga-se...”
- SN (Quant + ArtDef + N): “Quase toda a gente percebe <dia> o dialecto da região ma só *poucos* o falam, também porque isso é considerado sinal de pouca cultura.”
- SN (Quant + N): “Não há muitos locais onde poder encontrar-se a noite e *os poucos* são só bar-erasmus, onde beber, beber e ficar bebedos...”
- SN (ArtDef + Quant + N): “Eu experimentei as duas vidas, *a* no campo e *a* na cidade, nas <(…)> *aquela* na qual sinto-me mais eu mesma só e sempre será no campo com os passeros voar felizes e a natureza fazer o seu percurso.”
- SN (ArtIndef + N): “No imaginário colectivo a cidade representa <(…)> um lugar caótico e ao mesmo tempo fascinante, cheio de coisas para ver, para experimentar para comprar... É o sitio em que cada dia há alguma coisa nova para fazer, onde há muitas possibilidades em aberto e cada um consegue encontrar o de que *ele* gosta.”
- SN (N + Adj): “Que momentos lindos, maravilhosos... <Embora eu tenha> Mas <n> tenho de dizer-te que agora estou muito bem, embora eu tenha muita vontade de voltar a viver *aqueles momentos* <nos que sempre> nos quais sempre estávamos juntas.”
- SN (Quant + N + Adj): “é uma região cumprida e quasi completamente à beira mar. (...) Foi sujeita a muitas dominações diferentes nos seculos passados e tem como monumentos principais igrejas e conventos, sendo *a dominação mais recente* aquela espanhola.”
- SN (ArtDef + Prep + N + Adj): “E lembras aqueles loucos dos professores? A de literatura italiana <que> sempre estava chateada com o mundo inteiro e [Ø] gritava, gritava, mas nós não percebíamos por que <,> e dávamos risada.”
- SN Reduzido: “<Rapazes> Homens... / acabei com *o XXXXX* e agora sou solteira.”

Verifica-se neste grupo (tal como aconteceu no grupo de iniciação) que os valores percentuais referentes ao *corpus-textos* seguem a mesma tendência no que se refere aos antecedentes contemplados neste trabalho, ou seja, também aqui se verificam valores abaixo dos 1%, apenas sobressaindo o SN composto por um artigo definido mais um nome que atinge os 1% de ocorrências no contexto global do subcorpus produzido pelos informantes dos níveis de proficiência B1/B2. Por fim, no que concerne à tipologia de antecedentes utilizada pelos grupos de iniciação e intermédio, verificam-se 8 padrões de antecedentes a que ambos recorrem. Esse conjunto de formas de antecedentes, comuns a ambos os grupos, são formadas através de: oração; SN (ArtDef + N); SN (ArtIndef + N); SN (ArtDef + DetPoss + N); SN (DetDem + N); SN (N + Adj); SN (Quant + N) e SN (Quant + ArtDef + N).

2.2. A forma da retoma referencial em A1/A2 e B1/B2

2.2.1. A forma de retoma em A1/A2

No que concerne à forma dos elementos que retomam a entidade referencial e que têm como função dar continuidade às cadeias de correferencialidade, o grupo de iniciação (A1/A2) apresenta um conjunto de 15 tipologias distintas apresentadas na grelha 5.

Através dos dados levantados podemos contatar que este grupo de informantes recorre com grande regularidade à retoma através da elipse, verificando-se nesta forma 18 ocorrências que perfazem 34% das situações de retoma analisadas.

Verifica-se também uma certa recorrência à utilização do PronPess para dar continuidade às sequências referenciais dentro do texto que se traduz por 11 ocorrências registadas que equivalem a 21% das aplicações realizadas.

Em terceiro lugar, ainda com alguma expressividade percentual no *corpus-estruturas*, surgem as formas de retoma estruturadas através do SN (DetDem + N) com 5 ocorrências e do SN (ArtDef + DetPoss + N) com 4 ocorrências o que, em termos percentuais, equivale a 9% no primeiro caso e 8% no segundo.

Já sem grande expressividade, todas as restantes formas de retoma registam apenas uma ou duas ocorrências em todo o subcorpus textual produzido por este grupo de informantes. Assim

temos, com duas ocorrências, as formas de retoma constituídas por: Adv; Quant e SN Reduzido, equivalendo a 4% de utilizações cada uma.

Com apenas uma utilização verificada contam-se as formas de retoma realizadas através de PronDem; PronIndef; SN (Quant + N); SN (DetIndef + Art Def + Quant); SN (ArtDef + N); ArtDef + N + Adj); SN (DetDem + AdjSup + N) e SN (DetPoss + N + Adj) que se refletem em valores percentuais de 2% em cada no conjuntura geral das estruturas analisadas, sobre as quais mais adiante daremos alguns exemplos.

Grelha 5

A1/A2 Forma de retoma	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus-Estruturas</i>
Adv	2	4%
Elipse	18	34%
PronDem	1	2%
PronIndef	1	2%
PronPess	11	21%
Quant	2	4%
SN (Quant + N)	1	2%
SN (DetIndef + ArtDef + Quant)	1	2%
SN (ArtDef + N)	1	2%
SN (ArtDef + N + Adj)	1	2%
SN (ArtDef + DetPoss + N)	4	8%
SN (DetDem + N)	5	9%
SN (DetDem + AdjSup + N)	1	2%
SN (DetPoss + N + Adj)	1	2%
SN Reduzido	2	4%

Importa ainda referir que, segundo os dados apresentados na tabela anterior, os valores percentuais destas formas são residuais quando englobado no *corpus-textos* que as sustenta. Em todo o caso, verifica-se alguma relevância na forma de retoma constituída por elipse que atinge, em termos globais, 1% das ocorrências, ficando todas as outras formas aquém do 1%.

Seguem-se alguns exemplos das estruturas que comportam os vários paradigmas de retoma anafórica elencados na grelha 5. Para uma maior facilidade de identificação, colocaremos o constituinte de retoma em negrito, itálico e sublinhado, o antecedente que lhe serve de referente estará identificado através da letra a negrito:

- Adv: “Gosto muito de ver filmes e de ir ao **cinema**, por isso se poder eu vou lá todas as semanas.”
- Elipse: “**A minha irmã** tem 16 anos e **o meu irmão** 23. *Eles* são mais altos do que eu, e [Ø] não são tão fortes como eu, mas *eles* também têm óculos.”
- PronDem: “**A pasta** que gosto mais é “**Lasagne**”, em particular aquelas <feitas> que a minha avó faz.”
- PronIndef: “Eu gosto muito de **peixe** mas depende do modo <de cozinhar> /como [Ø] é/ cozido. Certo eu como todo ou cozido, ou grelhado mas sem azeite e com pouco sal.”
- PronPess: “Naturalmente **minha mãe** e **meu pai** <des> detestam o /meu/ modo de comer, *eles* esperam que um dia tenho de començar a comer todo.”
- Quant: O <m ba> barrio onde moro é uma <espeie> espécie de “**China Town**” em Roma (agora quase todas as <citaded cio cidades> cidades tem uma”.
- SN (Quant + N): = “Normalmente <ou faço muitas (...) durante> /no Verão/ eu vou com minha namorada e meus amigos à **la praia** porque <em m> na minha <região> região <tre> tem muitas praias.”
- SN (DetIndef + ArtDef + Quant): “Tenho **3 irmãos** mais grandes que mim, todos os 3 estudam na universidade em Sassari.”
- SN (ArtDef + N): “como **comidas portuguesas** todos os dias. A comida que <eu> gosto mais e o bacalhau”
- SN (ArtDef + N + Adj): “como **comidas portuguesas** todos os dias. (...) Eu acho que aos comidas portuguesas são muitos boas”
- SN (ArtDef + DetPoss + N): “**Os meus pais** não são muito velhos: o meu pai tem 48 anos e a minha mãe tem 46 anos.”
- SN (DetDem + N): “Uma solução foi adoptada algum anos atrás <com o> mudando o lugar, o sitio onde ficava **um mercado** que constituia o <pólo de enco> ponto <do> de encontro de todas as comunidades estrangeiras. Este mercado ainda fica no centro da cidade”.

→ SN (DetDem + AdjSup + N): “Foram muito engrassados **aqueles dias!!** De <(> manhã estivemos <(> na praia <(> e todas as noites fomos para festas e concertos!! Não vou <(> me <esqueser> esquecer de **aqueles lindíssimos tempos!!**”

→ SN (DetPoss + N + Adj): “Eu gosto também **sobremesas portuguesas. Minhas sobremesas preferidas** são: “bolo rei”, “baba de camelop”, “bolo de <boláchas> bolachas” e os obçes de Santa Clara.”

→ SN Reduzido: “Eu faço **muito desporto**. Cada semana eu faço **karate** (dois vezes cada semana, na segunda e na quarta feira a tarde), **boxe**, (<(> também isto desporto dois vezes cada semana, na terça e na quinta a tarde):”

2.2.2. A forma de retoma em B1/B2

Ao observarmos a grelha 6 podemos verificar (perante os resultados obtidos no *subcorpus* produzido pelo grupo intermédio) que os informantes dos níveis de proficiência B1/B2 utilizam-se de 20 estruturas distintas, às quais recorrem, com maior ou menor frequência, para recuperarem o elemento que serve de referente no plano discursivo.

Tendo por base a informação coletada na análise, notamos que o público que produziu este *subcorpus* recorre com maior regularidade às formas anafóricas constituídas por elipse e por PronPess, registando-se 38 ocorrências no primeiro caso e 37 ocorrências no segundo, as quais equivalem a 30% e 29% dos casos analisados.

Em segundo lugar e a larga distância aparece como forma de retoma o SN (DetDem + N) que é concretizado em 12 ocasiões, remetendo-se em valores percentuais, verificáveis no *corpus-estruturas*, na casa dos 10%.

Em terceiro lugar, ainda com alguma regularidade, surgem as formas adverbiais e as formas de SN (ArtDef + N) que registam 5 e 9 ocorrências com valores percentuais na ordem dos 4% no caso dos advérbios e 7% no caso dos SN formados por um artigo definido mais nome.

Grelha 6

B1/B2 Forma de retoma	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus-Estruturas</i>
Adv	5	4%
Elipse	38	30%
PronDem	8	6%
PronIndef	1	1%
PronPess	37	29%
Quant	2	2%
SN (Quant + DetDem +N)	2	2%
SN (DetDem + N)	12	10%
SN (DetIndef + N)	1	1%
SN (PronPess + Prep + N)	2	2%
SN (ArtDef + N)	9	7%
SN (ArtDef + Quant)	1	1%
SN (ArtDef + N + Adj)	1	1%
SN (ArtDef + N + Adv +Adj)	1	1%
SN (ArtDef + Prep + DetDem)	1	1%
SN (ArtDef + N + Prep + N)	2	2%
SN (ArtDef + DetPoss + N)	1	1%
SN (ArtIndef + N + Adj)	2	2%
SN (ArtIndef + Quant + Pron Pess)	1	1%
SN (Adv + Prep +N)	1	1%

Como podemos ainda constatar na grelha anterior, todas as outras categorias de retoma remetem apenas para uma ou duas ocorrências que se desdobram entre valores percentuais de 1% ou 2% (valores referentes ao corpus-estruturas e observáveis na referida grelha). Encontram-se equacionadas com uma ocorrência (equivalente a 1%) as seguintes formas de retoma: Pron Indef; SN (DetIndef + N); SN (ArtDef + Quant); SN (ArtDef + N + Adj); SN (ArtDef + N + Adv +Adj); SN (ArtDef + Prep + DetDem); SN (ArtDef + DetPoss + N); SN (ArtIndef + Quant + Pron Pess); SN (Adv + Prep +N). Por seu turno, as formas de retoma que registam duas ocorrências (equivalentes a 2% cada) são as seguintes: Quant; SN (Quant +

DetDem +N); SN (PronPess + Prep + N); SN (ArtDef + N + Prep + N); SN (ArtIndef + N + Adj).

Quando comparamos os dados empíricos, relacionados com as formas de retoma referencial e elencados no presente estudo com o todo o tecido textual que constitui o *corpus-textos*, verificamos que os valores percentuais nesse contexto são residuais. No entanto é de salientar os 1% atingidos pelas formas de elipse e pronome pessoal no contexto global dos textos produzidos pelos níveis intermédios B1/B2.

Para finalizarmos este ponto da nossa análise daremos alguns exemplos das 20 estruturas elencadas na grelha 6:

→ Adv: “O único problema talvez seja a delinquência, **naquela zona**; (...) Então, uma coisa que se podia fazer para que fosse mais agradável /lá/ viver, era aumentar o número dos polícias na zona para controlarem a situação.”

→ Elipse: “Então, uma coisa que se podia fazer para que fosse mais agradável /lá/ viver, era aumentar **o número dos polícias** na zona para [Ø] controlarem a situação.”

→ PronDem: “**aqui toda a gente bebe e droga-se**... mas eu não gosto de fazer **isso!**”

→ PronIndef: “Perde-se o sentido da importância de **um evento**, porque depois <(...)> daquilo vai haver outro, e outro ainda. A multidão de possibilidade <confunde> as vezes confunde em vez de estimular.”

→ PronPess: “A posição geográfica do Portugal situa-o mesmo na ruta migratória **das gaivotas e dos aves limícolas** que, no Outono, deixam a Europa do norte para /ir/ <às> às estações de invernção da Africa e as praias entre Figueira da Foz e Aveiro dão muito bem para observá-las durante as pausas da migração.”

→ Quant: “Uma grande cidade oferece <sim> com certeza **mais oportunidades** mas uma pessoa não consegue aproveitar de todas, se calhar nem sabe da existência de muitas delas.”

→ SN (Quant + DetDem + N): “Além há **muitas casas abandonadas**, que são também fascinosa mas é numero destas acho eu que é demasiado elevado, se calhar é possível que não há dinheiro para restructurar todos estes edifícios.”

→ SN (DetDem + N): “A cidade fica bastante perto quer de **Lisboa** quer do **Porto**, e por isso <aprov> estou a aproveitar quase todos os fins de semana para visitar estas cidades”

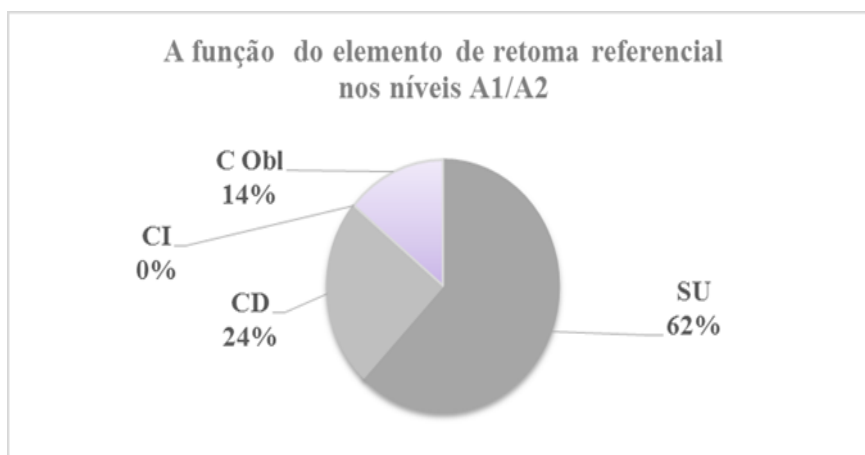
- SN (DetIndef + N): “Fico à espera de **notícias tuas**, poderias escrever-me pelo menos algumas linhas por e-mail...”
- SN (ArtDef + Prep + N): “E lembras **aqueles loucos dos professores?** A de matemática que não sabia explicar, <(...)> /ela/ também gostava muito de gritar e também nos dava muitas razões para <nos o> darmos risada.”
- SN (ArtDef + N): “observá-los (com binóculos) à procura de **anilhos** nas patas (colocados por investigadores nos lugares de cria). Frequentemente encontra-se **anilhos** da Escandinavia, <(...)> Alemanha, Holanda (os anilhos têm códigos: letras e cor)”
- SN (ArtDef + Quant): “Não há **muitos locais** onde poder encontrar-se a noite e os poucos são só bar-erasmus, onde beber, beber e ficar bebedos...”
- SN (ArtDef + N + Adj): “Porquê **a comida** é outro <aspécto> aspecto importantíssimo da Cultura italiana, mas a cozinha italiana é tão conhecida que não vale a pena escrever mais sobre este assunto!”
- SN (ArtDef + N + Adv + Adj): “é uma região cumprida e quasi completamente à beira mar. (...) Foi sujeita a **muitas dominações diferentes** nos seculos passados e tem como monumentos principais igrejas e conventos, sendo a dominação mais recente aquela espanhola.
- SN (ArtDef + Prep + DetDem): “Além há **muitas casas abandonadas**, que são também fascinosa mas é numero destas acho eu que é demasiado elevado,”
- SN (ArtDef + N + Prep + N): “Uma grande cidade oferece <sim> com certeza **mais oportunidades** (...) Perde-se o sentido da importância de **um evento**, porque depois <(...)> daquilo vai haver **outro**, e **outro** ainda. A multidão de possibilidade <confunde> as vezes confunde em vez de estimular.”
- SN (ArtDef + DetPoss + N): “Em frente **do meu quarto**, há outras casas e da minha janela posso ver os que moram ali.”
- SN (ArtIndef + N + Adj): “**Homens...** / acabei com o XXXXX e agora sou solteira. Gosto de um rapaz português que se chama XXXXX.”
- SN (ArtIndef + Quant + PronPess): “Vivi também em **varias cidades**, grandes e pequenas, e acho que não podem ser comparaveis. Cada uma delas tem uma qualidade da vida diferente,”

2.3. Funções sintáticas da retoma referencial - A1/A2 e B1/B2

2.3.1. Funções sintáticas da retoma referencial A1/A2

Nesta parte da nossa análise podemos observar o uso das estratégias de retoma anafórica em termos da função que as mesmas desempenham na frase em que se inserem. Importa realçar Assim, nos grupos iniciais (A1/A2), tendo em conta o universo da produção textual produzido (3404 palavras), constatamos que a anáfora que desempenha a função de SU é a mais utilizada na globalidade textual, a qual se verifica num total de 31 casos registados, o que, em termos percentuais, perfaz 1% de todo o *corpus*-textos produzido por estes informantes e 62% do número de utilizações repartidas por SU, ficando os restantes valores repartidos pela função de CD com 24% de ocorrências e a função de C Obl que contabiliza 14% das ocorrências registadas no *corpus*-estruturas. Nestes níveis de proficiência não se verifica qualquer ocorrência de retoma referencial com função de CI o que equivale em valores percentuais a 0% tal como o seguinte gráfico indica:

Gráfico 6



Nas grelhas 7, 8, 9 e 10 podemos observar quais as formas de retoma referencial mais utilizadas e como se manifestam dentro das estruturas argumentativas que as suportam.

Na grelha 7 podemos observar os tipos de estruturas de retoma referencial com função de sujeito (SU) nos segmentos frásicos. Em primeiro lugar surge a elipse, num total de 15 ocorrências que equivalem a 1% dos valores que comportam o *corpus*-textos e 47% dos valores referentes ao *corpus*-estruturas.

Em segundo lugar surge com função de SU o PronPess que regista 6 ocorrências equivalentes a 19% dos dados elencados neste contexto.

Com valores percentuais entre os 3% e 6% aparecem as categorias formadas por PronDem; SN (DetPoss + N); SN (ArtDef + N); SN (ArtDef + N + Adj); SN (DetIndef + ArtDef + Quant); SN Reduzido; SN (DetDem + N); SN (ArtDef + DetPoss +N), as quais registam apenas uma ou duas ocorrências dentro de tecido textual.

Importa ainda referir que nos valores percentuais apresentados na globalidade textual (*corpus-textos*), com exceção da forma elíptica (1%), todas as categorias de retoma com função de SU não atingem qualquer valor significativo, ficando-se pela casa dos 0%.

Grelha 7

A1/A2 Função de SU	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus-Estruturas</i>
Elipse	15	47%
PronDem	1	3%
PronPess	6	19%
SN (DetDem + N)	2	7%
SN (DetPoss + N + Adj)	1	3%
SN (DetIndef + ArtDef + Quant)	1	3%
SN (ArtDef + N)	1	3%
SN (ArtDef + N + Adj)	1	3%
SN (ArtDef + DetPoss +N)	2	6%
SN Reduzido	1	3%

Alguns exemplos das estruturas frásicas em que as formas de retoma referencial têm função de sujeito:

→ Função de SU através de Elipse: “**Minha família** tem à pastelaria <en> em minha cidade, e eu gosta muito fazer bolos, sandes.”

→ Função de SU através de PronDem: “**Tambem porqué o barrio onde moro é situado no centro da cidade, perto de muitos lugares de interesse estorico e isto** <ercou um> deu <(…)> origem a uma questão subra à oportunidade de colocar esta comunidade em um outro lugar mas longe <de dà> do centro da <cidade> cidade.”

- Função de SU através de PronPess: “**A minha irmã** tem 16 anos e **o meu irmão** 23. **Eles** são mais altos do que eu, e não são tão fortes como eu, mas **eles** também têm óculos.”
- Função de SU através de SN (DetDem + N): “Uma solução foi adoptada algum anos atrás <com o> mudando o lugar, o sitio onde ficava **um mercado** que constituiua o <pólo de enco> ponto <do> de encontro de todas as comunidades estrangeiras. **Este mercado** ainda fica no centro da cidade”
- Função de SU através de SN (DetPoss + N + Adj): “Eu gosto tambem **sobremesas portuguesas**. **Minhas sobremesas preferidas** são: “bolo rei”, “baba de camelop”, “bolo de <boláchas> bolachas” e os obçes de Santa Clara.”
- Função de SU através de SN (DetIndef+ ArtDef + Quant): “Tenho **3 irmãos** mais grandes que mim, **todos os 3** estudam na universidade em Sassari.”
- Função de SU através de SN (ArtDef + N): “como **comidas portuguesas** todos os dias . **A comida** que <eu> gosto mais e o bacalhau”
- Função de SU através de SN (DetPoss + N + Adj): “Eu gosto tambem **sobremesas portuguesas**. **Minhas sobremesas preferidas** são: “bolo rei”, “baba de camelop”, “bolo de <boláchas> bolachas” e os obçes de Santa Clara.”
- Função de SU através de SN (ArtDef + DetPoss +N): “**Os meus pais** não são muito velhos: **o meu pai** tem 48 anos e **a minha mãe** tem 46 anos.
- Função de SU através de SN Reduzido: **A pasta** que gosto mais é “**Lasagne**”, em particular aquelas <feitas> que a minha avó faz.”

Na grelha 8 podemos verificar o comportamento dos constituintes anafóricos em contexto de função de complemento direto (CD) que se traduzem em oito formas distintas. Se atendermos aos valores absolutos, estes ocorrem apenas 1 vez nas formas de PronPess; SN (DetIndef + N); SN (DetDem + N); SN (Quant + N); SN (ArtDef + DetPoss +N); SN Reduzido que equivalem a 8% de ocorrências dentro das estruturas equacionadas. Com 2 ocorrências registadas encontram-se as formas de Elipse e Quantificador que perfazem 17% de utilizações. Com maior relevo no que diz respeito à função de CD aparece o SN (DetDem+N) com um total de 3 ocorrências registadas que equivalem a 25% de recorrências com este tipo de função, quando englobadas no *corpus-estruturas*. Se atendermos aos valores percentuais

(verificáveis na grelha 8) que correspondem ao *corpus-texto* a expressividade deste tipo de função é nula.

Grelha 8

A1/A2 Função de CD	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus-Estruturas</i>
Elipse	2	17%
PronPess	1	8%
SN (DetDem + N)	3	25%
Quant	2	17%
SN (DetIndef + N)	1	8%
SN (Quant + N)	1	8%
SN (ArtDef + DetPoss + N)	1	8%
SN Reduzido	1	8%

Alguns exemplos das estruturas frásicas em que as formas de retoma referencial têm função de complemento direto:

→ Função de CD através de Elipse: “A comida que <eu> gosto mais e **o bacalhau** (também a minha avó /italiana sabe cozinhar **[OI]**”

→ Função de CD através de PronPess: “**o master** é muito caro e não sei se ela consegue de pagar-**o**”

→ Função de CD através de SN (DetDem + N): “**o barrio** onde moro é situado no centro da cidade, perto de muitos lugares de interesse estorico e isto <ercou um> deu <(…)> origem a uma questão subra à oportunidade de colocar **esta comunidade** em um outro lugar mas longe <de dà> do centro da <cidade> cidade.”

→ Função de CD através de Quant: “O <m ba> barrio onde moro é uma <espeie> espécie de “**China Town**” em Roma (agora quase todas as <citaded cio cidades> cidades tem **uma** <.>)

→ Função de CD através de SN (Quant + N): “Normalmente <ou faço muitas (...)> durante> /no Verão/ eu vou com minha namorada e meus amigos à **la praia** porque <em m> na minha <região> região <tre> tem **muitas praias.**”

→ Função de CD através de SN (DetIndef + N): “O ano pasado fui a Espanha com os meus amigos, e visitei **Madrid** e **outras cidades** muito lindas.”

→ Função de CD através de SN Reduzido: “Eu faço muito **desporto**. Cada semana eu faço karate (dois vezes cada semana, na segunda e na quarta feira a tarde), boxe, (<...> tambem isto desporto dois vezes cada semana, na terça e na quinta a tarde):”

→ Função de CI: nestes níveis de proficiência não se verificou nenhuma ocorrência em que o elemento de retoma desempenhe a função de complemento indireto.

Por último, a grelha 10 dá-nos uma perspetiva geral da retoma referencial anafórica com função de complemento oblíquo (C Obl). Também nestes casos o número de ocorrências se reparte entre uma e duas utilizações. Assim, com apenas uma utilização temos as formas de retoma constituídas por: PronPess; SN (Artdef + DetPoss + N + Prep + N); SN (DetDem + AdjSup + N) e com duas utilizações verificam-se as seguintes situações: Adv e Elipse. Em termos percentuais relacionados com as estruturas rondam os 14% no primeiro caso e os 29% no segundo. Em termos percentuais relacionados com os textos no seu todo os valores situam-se na casa dos 0%.

Grelha 9

A1/A2 Função de C Obl	Valores Absolutos	Valores Percentuais: Corpus-Estruturas
Adv	2	29%
Elipse	2	29%
PronPess	1	14%
SN (DetDem + AdjSup + N):	1	14%
(Artdef + DetPoss + N + Prep + N):	1	14%

Alguns exemplos das estruturas frásicas em que as formas de retoma referencial têm função de sujeito:

→ Função de C Obl através de Adv: “Gosto muito de ver filmes e de ir ao **cinema**, por isso se poder eu vou lá todas as semanas.”

→ Função de C Obl através de Elipse: “Eu gosto muito da **minha família** e agora tenho um pouco de saudade [Ø], após 3 meses e meio que estou em Portugal.”

→ Função de C Obl através de PropPess: “**Minha namorada** <(...)> mora perto de minha casa, e normalmente posso sair com **ela** para parque, ou para praça, onde normalmente ficam meus amigos.”

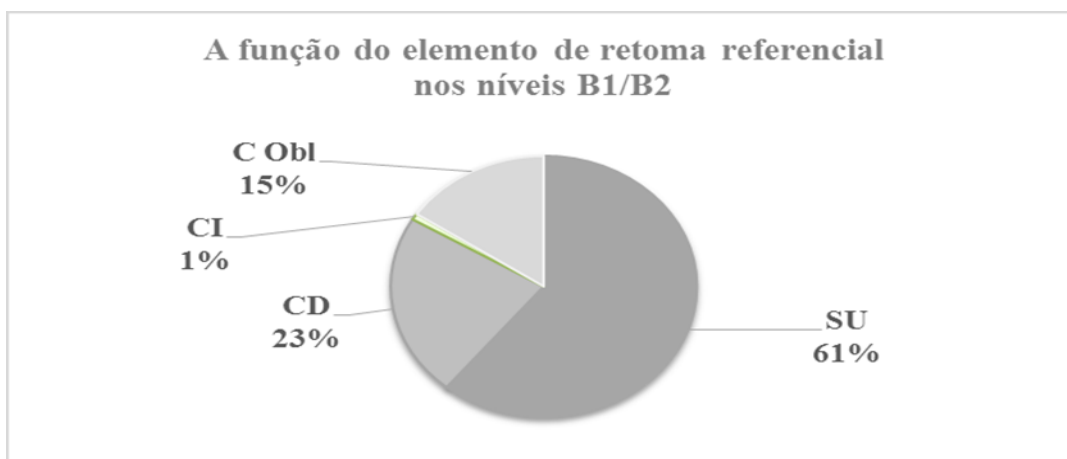
→ Função de C Obl através de SN (DetDem + AdjSup + N): “Foram muito engrassados **aqueles dias!!** De <(...)> manhã estivemos <(...)> na praia <(...)> e todas as noites fomos para festas e concertos!! Não vou <(...)> me <esqueser> esquecer de **aquilo lindíssimos tempos!!**”

→ Função de C Obl através de SN (Artdef + DetPoss + N + Prep + N): “Aqui também conheci **muitas pessoas**, gosto muito <(...)> **dos** <(...)> **/meus/** colegas de arqueologia e acho que em Julho vou fazer uma escavação com eles aqui em Portugal”.

2.3.2. A retoma referencial em termos de função em B1/B2

O gráfico seguinte dá-nos uma perspetiva geral das funções que os vários tipos de retoma referenciam desempenham no tecido discursivo produzido pelo grupo intermédio constituído pelos níveis de proficiência B1/B2. Os valores percentuais relacionados com o *corpus*-estruturas indicam que a maioria dos elementos de retoma ocupa a função de sujeito (SU) nas estruturas frásicas o que equivale a 61% das ocorrências, sendo os restantes 39% repartidos pelo complemento direto (CD) com 23% das ocorrências, pelo complemento indireto (CI), o qual regista apenas uma ocorrência e pelo complemento oblíquo (CObl) que totaliza 15% das ocorrências verificadas.

Gráfico 7



Nas grelhas 11 a 14 podemos observar como se distribuem as várias tipologias de retoma anafórica pelo tipo de função que desempenham no discurso.

Na grelha 11 podemos observar 18 formas de retoma referencial com função de SU. Sendo que aquela a que estes informantes mais recorrem é a retoma através da elipse, a qual totaliza 37 ocorrências que equivalem a 47% de utilizações dentro das estruturas analisadas e 1% referente à globalidade do *corpus*-textos.

Grelha 11

B1/B2 Função de SU	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus</i>-Estruturas
Elipse	37	47%
PronDem	6	8%
PronIndef	1	1%
PronPess	13	17%
SN (DetDem + N)	3	4%
Quant	1	1%
SN (Quant + N)	1	1%
SN (ArtDef + Quant)	1	1%
SN (ArtDef + Quant + N)	1	1%
SN (ArtDef + N)	5	6%
SN (ArtDef + N + Adv + Adj)	1	1%
SN (ArtDef + N + Adj)	1	1%
SN (ArtDef + N + Prep + DetDem)	1	1%
SN (ArtDef + N + Prep + N)	1	1%
SN (ArtIndef + N + Adj)	1	1%
SN (ArtIndef + Quant + Prep + PronPess)	1	1%
SN (ArtDef + Prep + N + Adj)	1	1%
SN (ArtDef + Prep + N)	1	1%

Em segundo lugar surge a retoma com função de SU através de PronPes que regista 13 ocorrências que, percentualmente, se traduzem por 17% no plano estrutural, no entanto, já não

chegam a atingir o 1% de uso na totalidade dos textos produzidos pelos informantes dos níveis intermédios.

Já sem grande expressividade quer no *corpus-textos* quer no *corpus-estruturas* encontram-se as restantes tipologias de retoma, as quais se distribuem por 6 ocorrências de retoma através de PronDem (8%); 5 ocorrências de retoma através do SN (ArtDef + N), (6%); 3 ocorrências através do SN (Detdem + N), (4%). Nas formas de retoma constituídas por: PronIndef; Quant; SN (Quant + N); SN (ArtDef + Quant); SN (ArtDef + Quant + N); SN (ArtDef + N + Adj); SN (ArtDef + N + Prep + DetDem); SN (ArtDef + N + Prep + N); SN (ArtIndef + N + Adj); SN (ArtIndef + Quant + Prep + PronPess); SN (ArtDef + Prep + N + Adj); SN (ArtDef + Prep + N) apenas se verifica uma ocorrência por unidade que equivale a 1% do número de utilizações dentro das estruturas analisadas, das quais passaremos a apresentar alguns exemplos:

→ Função de SU através de Elipse: “Querida XXX, faz muito tempo que não nos vemos e que não nos falamos. Desde quando parti para vir cá em Portugal, falámo-nos sempre menos <, assim> Por isso hoje te pensei quando vi **uma rapariga** muito parecida contigo – [Ø] tem o cabelo comprido e caracolado como o teu –”

→ Função de SU através de PronDem: “Já sabes que desde Setembro estou em Portugal a fazer **o Erasmus**, não é? Tenho de precisar que esta não é somente uma experiência universitária, mas também, e nomeadamente, uma fundamental experiência de vida.”

→ Função de SU através de PronIndef: “Perde-se o sentido da importância de **um evento**, porque depois <(.)> daquilo vai haver outro, e outro ainda.”

→ Função de SU através de PronPess: “Até aqui só falei sobre a beleza **do barrio** mas <ela> ele é também denso de história.”

→ Função de SU através de SN (DetDem + N): “Em frente do meu quarto, há **outras casas** e da minha janela posso ver os que moram ali. (...) os que moram ali. /Pode-se dizer/ que a privacy não é muita mas <(.)> afortunadamente aquelas janelas estão quase sempre fechadas.”

→ Função de SU através de Quant: “Quase **toda a gente** percebe <dia> o dialecto da região ma só poucos o falam, também porque isso é considerado sinal de pouca cultura.”

→ Função de SU através de SN (Quant + N): “O único problema talvez seja a delinquência, naquela zona; se calhar é melhor não estacionar **o carro** perto do Arco de Almedina porque no último mês foram assaltados **muitos carros**.”

→ Função de SU através de SN (ArtDef + Quant): “Não há **muitos locais** onde poder encontrar-se a noite e **os poucos** são só bar-erasmus, onde beber, beber e ficar bebedos...”

→ Função de SU através de SN (ArtDef + Quant + N): “Estou a falar **das viagens** do avião, do qual sempre tenho tido medo: para mim não foi nada fácil **a primeira viagem** sozinha. Todavia não tive outras possibilidades, e a minha reacção foi positiva: escolhi de tentar.”

→ Função de SU através de SN (ArtDef + N): “as suas regiões em termos de: paisagem, cultura, hábitos e também **língua**; embora seja **o Italiano** o (seu) idioma oficial, muitas pessoas não o falam habitualmente, especialmente em contextos rurais.”

→ Função de SU através de SN (ArtDef + N + Adv + Adj): “é uma região cumprida e quasi completamente à beira mar. (...) Foi sujeita a **muitas dominações diferentes** nos seculos passados e tem como monumentos principais igrejas e conventos, sendo **a dominação mais recente** aquela espanhola.”

→ Função de SU através de SN (ArtDef + N + Adj): “Porquê **a comida** é outro <aspécto> aspecto importantissimo da Cultura italiana, mas **a cozinha italiana** é tão conhecida que não vale a pena escrever mais sobre este assunto!”

→ Função de SU através de SN (ArtDef + N + Prep + DetDem): “Além há **muitas casas abandonadas**, que são também fascinosa mas **é numero destas** acho eu que é demasiado elevado, se calhar é possível que não há dinheiro para restructurar todos estes edificios.”

→ Função de SU através de SN (ArtDef + N + Prep + N): “Uma grande cidade oferece <sim> com certeza **mais oportunidades** (...) Perde-se o sentido da importância de **um evento**, porque depois <(.)> daquilo vai haver **outro**, e **outro** ainda. **A multidão de possibilidade** <confunde> as vezes confunde em vez de estimular.”

→ Função de SU através de SN (ArtIndef + N + Adj): “Já sabes que estou em Portugal de **Erasmus**. É **uma experiência fantástica** que <aconselho> todo o mundo deveria fazer.

→ Função de SU através de SN (ArtIndef + Quant + Prep + PronPess): “Vivi também em **varias cidades**, grandes e pequenas, e acho que não podem ser comparáveis. Cada uma delas tem uma qualidade da vida diferente,”

→ Função de SU através de SN (ArtDef + Prep + N + Adj): “E lembras **aqueles loucos dos professores**? A de literatura italiana <que> sempre estava chateada com o mundo inteiro e gritava, gritava, mas nós não percebíamos por que <,> e dávamos risada.

→ Função de SU através de SN (ArtDef + Prep + N): “E lembras **aqueles loucos dos professores**? [...] A de matemática que não sabia explicar, <(…)> /ela/ também gostava muito de gritar e também nos dava muitas razões para <nos o> darmos risada.

No que respeita aos constituintes de retoma referencial que desempenham a função de complemento direto (CD) nas estruturas frásicas, estes dividem-se em 5 categorias (observáveis na grelha 12). A categoria que mostra ter uma maior representatividade neste contexto é o PronPess que representa 19 ocorrências de retoma em situação de CD que correspondem a 73% de aplicações nas estruturas apuradas.

Com 15% de ocorrências surge a forma de SN (DetDem + N) com 4 ocorrências. Por fim, e em igualdade numérica de 1 ocorrência cada, surgem as seguintes formas: SN (DetIndef + N); SN (Quant + N); SN (Quant + DetDem + N) que correspondem a 4% do número de aplicações. Em valores percentuais referentes ao *corpus-textos* não se verificam valores expressivos.

Grelha 12

B1/B2 Função de CD	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus-Estruturas</i>
PronPess	19	73%
Quant	1	4%
SN (DetDem + N)	4	15%
SN (DetIndef + N)	1	4%
SN (Quant + DetDem + N)	1	4%

De seguida passaremos a mostrar alguns exemplos das estruturas frásicas em que ocorre a retoma do referente através das formas apresentadas na grelha 12:

→ Função de CD através de PronPess: “Uma cidade como **Coimbra**, a qual é muito activa <,> a partir das primeiras horas da madrugada às ultimas horas da noite com estudantes que a vivem em todos os seus lados”

→ Função de CD através de Quant: “Uma grande cidade oferece <sim> com certeza **mais oportunidades** mas uma pessoa não consegue aproveitar de todas, se calhar nem sabe da existência de muitas delas.”

→ Função de CD através de SN (DetDem + N): “A posição geográfica do Portugal situa-o mesmo na ruta migratória das gaivotas e dos aves limícolas que, no Outono, deixam a Europa do norte para /ir/ <às> às estações de invernção da Africa e **as praias** entre **Figueira da Foz e Aveiro** dão muito bem para observá-las durante as pausas da migração. Também <(…)> imensos numeros de gaivotas escolhem <(…)> aqueles lugares para <estagiar> /lá ficar/ o Inverno todo.”

→ Função de CD através de SN (DetIndef + N): “Fico à espera de **notícias tuas**, poderias escrever-me pelo menos algumas linhas por e-mail...”

→ Função de CD através de SN (Quant + DetDem + N): “Além há **muitas casas** abandonadas, que são também fascinosas mas é numero destas acho eu que é demasiado elevado, se calhar é possível que não há dinheiro para restructurar todos estes edifícios.”

No que se refere à retoma em contexto de complemento indireto (CI) também neste grupo só surgiu um exemplo em que a retoma do antecedente é feita através de uma elipse (que corresponderá ao pronome [lhe]) por inferência ao contexto em que ocorre, tal como poderá ser comparado no próximo exemplo:

Grelha13

B1/B2 Função de CI	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus – Estruturas</i>
PronPess	1	1%

→ Função de CI através de Elipse: “Acho que **esta parte da cidade** é a mais linda, mas falta [Ø] um pouco de participação cultural e social.”

Por último, no que respeita ao modelo de retoma em contexto da função de complemento oblíquo, verificaram-se 7 paradigmas distintos da forma que sustenta o elemento de retoma. Como podemos verificar na grelha 14, os informantes dos níveis B1/B2 recorrem em igualdade numérica de 5 ocorrências às formas de retoma constituídas por um advérbio (Adv), ao pronome pessoal (PronPess) e à forma de SN realizada através de um determinante demonstrativo acompanhado de um nome (DetDem + N), cabendo a cada uma, em termos percentuais, 25% do número de utilizações assinaladas.

Grelha 14

B1/B2 Função de C Obl	Valores Absolutos	Valores Percentuais: <i>Corpus - Estruturas</i>
Adv	5	25%
PronDem	1	5%
PronPess	5	25%
SN (Adv + Prep + N)	1	5%
SN (ArtIndef + N + Adj)	1	5%
SN (DetDem + N)	5	25%
SN (Artdef + N)	2	10%

Em segundo lugar, surge a forma de SN (ArtDef + N) com 2 ocorrências que equivalem a 10% deste tipo de função. Por fim, são observáveis ainda 3 categorias constituídas por: PronDem; SN (Adv + Prep + N) e SN (ArtIndef + N + Adj) que equivalem a 5% de utilizações cada.

Alguns exemplos de retoma anafórica com função de C Obl:

→ Função de C Obl através de Adv: “Em frente do meu quarto, há **outras casas** e da minha janela posso ver os que moram ali.”

- Função de C Obl através de PronDem: “Já sabes que estou em Portugal de **Erasmus**. É uma experiência fantástica que <aconselho> todo o mundo deveria fazer. A propósito, por que não pensas nisso?”
- Função de C Obl através de PronPess: “**A minha casa** fica muito perto da Sé Velha e a só três minutos da <cidade> Universidade, perto dela fica também uma República muito antiga, a República Pra-Kis-Tão.”
- Função de C Obl através de SN (Adv + Prep + N): “Em comparação com Bolonha (a cidade <(...)> onde morava na Italia) qualquer parte de **Coimbra** é super segura, apesar de partilhar os meus fins-de-semana com tipos raros <(...)> /que passiam/ entre a rua Magalhais e os becos da parte mais próxima da baixa. Mas nunca me senti em perigo desde que moro cá em Coimbra.”
- Função de C Obl através de SN (ArtIndef + N + Adj): “**Homens**... / acabei com o XXXXX e agora sou solteira. Gosto de um rapaz português que se chama XXXXX.”
- Função de C Obl através de SN (DetDem + N): ““**Lembras-te quando fomos** <(...)> **a** <(...)> **XXXXX em França?** Eu gostei muito daquelas <(...)> férias contigo,”
- Função de C Obl através de SN (Artdef + N): “Há muito tempo que não te **vejo** e tenho saudade dos momentos que passamos juntos.”

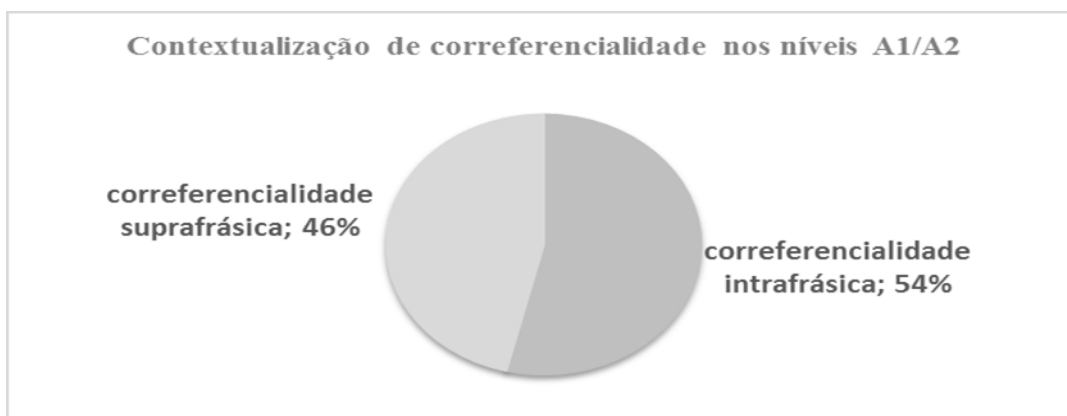
2.4. As ocorrências de correferencialidade (intra ou suprafrásica) em A1/A2 e B1/B2

2.4.1. As ocorrências de correferencialidade (intra ou suprafrásica) em A1/A2

A retoma do elemento referencial e as relações anafóricas que se estabelecem no tecido discursivo obedecem também a regras de contextualização intrafrásica ou suprafrásica. Segundo a mostra de dados elencada, os textos produzidos pelo conjunto de informantes dos níveis A1/A2 mostram uma maior tendência para retomar a entidade referencial em contexto intrafrásico que se reflete em 27 ocorrências verificadas, as quais se traduzem em 54 % das recorrências a esta estratégia.

Por seu turno, os valores referentes à correferencialidade textual espelham-se em 25 ocorrências detetadas em toda a estrutura textual, o que corresponde, em termos de valores percentuais, a 46% das ocorrências registadas no corpus-estruturas como se pode ver no seguinte gráfico:

Gráfico 8



Olhando para os seguintes exemplos:

- a) Contexto intrafrásico “Tenho que falar com minha mãe porque o master é muito caro e não sei se *ela* consegue de pagar-*o*.”
- b) Contexto suprafrásico “EU MORO COM MIA FAMILIA, MINHA MÃE, <MEO> MEU PAI E MEU IRMAO. TENHO UMA BOA RELAÇÃO COM <ELEL> *ELES*.”

Podemos observar no exemplo (a) duas cadeias referenciais em contexto intrafrásico. A primeira tem como antecedente o SN (PronPoss + N) minha mãe que é retomado pelo PronPess *ela*. A segunda cadeia tem início no SN (ArtDef + N) o master e é retomada pelo PronPess [pagar] -*o*.

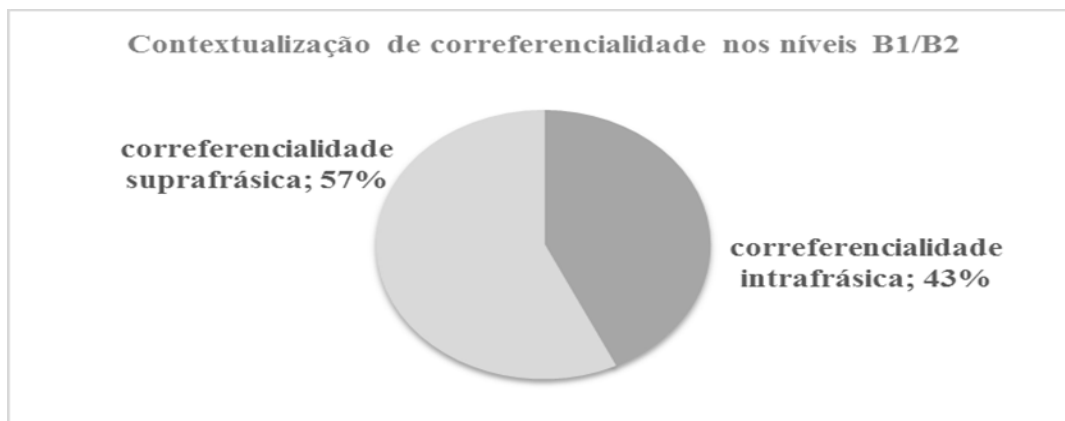
Por seu turno, no exemplo (b) verifica-se que a cadeia de correferencialidade se encontra em contexto suprafrásico, a qual tem como antecedente o SN (PronPoss + N) mia família que é retomado pelo PronPess *eles* na frase seguinte.

2.4.2. As ocorrências de correferencialidade (intra ou suprafrásica) em B1/B2

Já o grupo intermédio a ordem das relações anafóricas dentro da cadeia referencial inverte-se, em comparação com o paradigma estratégico utilizado pelo grupo de iniciação. Segundo os dados colhidos e verificáveis no gráfico seguinte, os níveis B1/B2, dão primazia às relações de correferencialidade que se dão na sua maioria, a nível suprafrásico, verificando-se 73 ocorrências de retoma referencial neste contexto, as quais correspondem a 57% da totalidade das estruturas contabilizadas neste estudo. Por seu turno, verificam-se 55 ocorrências em que

os informantes deste grupo optam por fazer a recuperação referencial em contexto intrafrásico o que corresponde aos restantes 43%.

Gráfico 9



Atendendo aos seguintes exemplos:

- a) Contexto Intrafrásico: “Gosto de **um rapaz português** que se chama XXXXX e [Ø] tem 21 anos mas ele já tem namorada!”
- b) Contexto Suprafásico: “Enquanto estava <ao> no <DRICC> DRIC, conheci **uma rapariga italiana** de Milão: a XXXXX. Ela hospedou-me porque já tinha procurado um quarto.”

Podemos observar no exemplo (a) uma cadeia de correferencialidade intrafrásica que tem início no SN ‘**um rapaz português**’, sendo, posteriormente, retomada através de uma forma elíptica [Ø], na qual se subentende o PronPess [ele], e ainda através do PronPess ‘ele’.

Por outro lado, o exemplo (b) mostra-nos uma cadeia de correferencialidade suprafrásica que se inicia com a forma referencial ‘**uma rapariga italiana**’, sendo, posteriormente, retomada na frase seguinte através da forma pronominal ‘Ela’

Algumas Considerações Finais

Este trabalho responde em parte aos objetivos traçados. A partir da análise levada a cabo, verifica-se na construção dos textos que serviram de base ao nosso estudo que, regra geral, os informantes recorreram regularmente a estratégias de retoma dos elementos referenciais que nos permitiram, na análise, compreender o sentido global dos textos sem grandes dificuldades, o que possibilitou, na recolha de dados empíricos, reconhecer de imediato os elementos correferentes no encadeamento referencial dentro do tecido discursivo. Verificou-se ainda que nas estruturas sintáticas os elementos de retoma, na sua grande maioria, desempenhavam a função de sujeito. Percebeu-se pela constante utilização da elipse que estes informantes têm clara noção de que a LNM que estudam faz parte da família das línguas de sujeito nulo. Sendo o italiano uma língua da mesma origem, pressupõe-se que existam casos de transferência positiva na produção de texto em PL2 por parte destes informantes. Assim, tanto nos níveis de iniciação como nos níveis intermédios assistiu-se em quase todas as categorias, por nós estipuladas e contabilizadas, aplicaram de forma correta a estrutura do constituinte de retoma, assim como do elemento que lhe serve de retoma, obedecendo desse modo às normas do português padrão. No respeitante ao tipo de função desempenhada pelas diversas formas de retoma é que se assistiu a uma forte desigualdade de ocorrências nos vários tipos de função. Por um lado, verificou-se um constante posicionamento dos elementos de retoma em contexto de sujeito. Por outro lado, em relação à função de complemento indireto verificou-se apenas numa ocorrência através de uma estrutura vazia, a qual pode ser interpretada através do contexto. No que respeita às relações de correferencialidade intrafrásica e suprafrásica, as estruturas contabilizadas, em termos de valores percentuais, rondam os 50% em ambos os tipos de correferencialidade, sendo que os níveis iniciais mostram uma maior propensão para utilizarem estratégias de retoma dentro da mesma frase, enquanto os níveis intermédios elegem, na maioria, a correferencialidade suprafrásica para retomarem o elemento referencial.

Perante toda a informação elencada, nota-se que estes informantes sabem manipular os meios linguísticos e textuais do PLNM que têm à sua disposição para produzirem redes referenciais à medida que vão processando o texto, obtendo na conclusão do mesmo um resultado positivo que obedece aos padrões de coesão e coerência textual apresentados no primeiro capítulo deste trabalho.

A única parte deste estudo que ficou aquém das nossas perspectivas iniciais, prende-se com a falta de aprofundamento no tratamento das estruturas da língua e dos respectivos elementos sintáticos que refletem toda a parte textual do discurso. Contudo, como este trabalho foi, desde o início, idealizado e moldado na esfera dos usos da língua e, nomeadamente, no plano de estudos da linguística textual, em parte, como foi referido no início destas notas finais, os objetivos traçados, ainda que parcialmente, foram alcançados.

Bibliografia

- Andorno, C. (2003). *Linguistica testuale. Un'introduzione*. Roma: Carocci.
- Baralo, M. (1999). *La adquisición del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco Libros.
- Baralo, M. (2008). *La interlengua del hablante no nativo*. Org. Sánchez Lobato, J. Santos Gargallo, I. y Pinilla, R. (Eds.) *Vademécum: enseñanza y aprendizaje del español como segunda lengua y como lengua extranjera*. Madrid: SGEL.
- Beaugrande, R. & Dressler, W.U. (1981). *Introduction to text linguistics*. London: Ed. Longman.
- Bernardez, E. (1982). *Linguística del texto*. Madrid. Espasa Calpe.
- Bianchi, C. (2009). *Pragmatica cognitiva. I meccanismi della comunicazione*. Bari: Editori Laterza.
- Brito, A. M. e Matos, G. (2003). In: Mateus, M. Helena Mira *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Chomsky, N. (1980). *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix.
- Conselho da Europa (2001). Quadro europeu comum de referência para as línguas – *Aprendizagem, ensino, avaliação (QEER)*. Lisboa: Edições ASA.
- Corder, S. (1971). *Idiosyncratic Dialects and Error Analysis*. In: LICERAS, J. M. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor.
- Duarte, I. (2003). *Aspetos linguísticos da organização textual*. In: Mateus, M. Helena Mira *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Ellis, R. (1994). *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Ellis, R. (1985). *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Fávero, L. L. & Koch, I. G. V. (1983). *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Ed. Cortez.
- Fávero, L. L. (1991). *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ed. Ática.
- Ferrari, A. (2014). *La linguistica del testo. Principi, fenomeni, strutture*. Roma: Carocci.

- Ferrari, A. et al (2015). *Testualità. Fondamenti, unità, relazioni*. Firenze: Ed. Franco Cesati Editore.
- Figueiredo, O. M. (2003). *A Anáfora Nominal em Textos de Alunos: A Língua no Discurso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fonseca, J. (1992). *Linguística do Texto/Discurso. Teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: ICALP.
- Gargallo, I. (1993). *Análisis Contrastivo, Análisis de Errores e Interlengua en el marco de la Lingüística Contrastiva*. Madrid: Ed.Sintesis.
- Georgakopoulou, A. & Goutsos, D. (2004). *Discourse Analysis: an Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Halliday, M.A.K. & Hasan, R. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.
- Kleiber, G. (2001). *L'anaphore associative*. Paris: PUF.
- Koch, I. V. & Travaglia, L. C. (1990). *A coerência textual*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. G. V. & Travaglia, L. C. (1999). *Texto e coerência*. São Paulo: Ed Cortez
- Koch, I. G. V. (2002). *Coesão Textual*. São Paulo. Ed. Contexto.
- Koch, I. G. V. (2003). *Coerência Textual*. São Paulo. Ed. Contexto.
- Krashen, S. D. (1978). *The monitor model for second language acquisition*. In Gingras, R. C. (Ed.) *Second language acquisition and foreign language teaching*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1 -26.
- Lagrotta et al. (1978) *Colocação de Pronomes: Prática de Português/3*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Leiria, I. (2006). *Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu língua não materna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, A. C. M. (2005). *Texto e coerência*. In *Revista Portuguesa de Humanidades*, vol.9, ½, pp.13-33. In Lopes, A. C. M. & Carapinha, C. (2013). *Texto, Coesão e Coerência*. Coimbra: Ed. Almedina/CELGA.
- Lopes, A. C. M. & Carapinha, C. (2013). *Texto, Coesão e Coerência*. Coimbra: Ed. Almedina/CELGA.
- Lopes, A. C. M. & Rio-Torto, G. (2007). *Semântica*. Lisboa: Ed. Caminho.

Mateus, M. H. M. *et al* (2013) *Ensino do Português como Língua Não Materna: Estratégias, Materiais e Formação*. Lisboa: ILTEC – Instituto de Linguística Teórica e Computacional / Fundação Calouste Gulbenkian.

Mateus, M. H. M. *et al*. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Mendes, A. (2013). *Organização textual e articulação de orações*. In: Raposo, E. P. *et al* (2013). *Gramática do Português*. VOL II. Lisboa: Ed. F. Calouste Gulbenkian.

Puertólas, J. R.. (2005). *Manual Lengua Castellana y Literatura*. In *Análisis de textos*. Madrid: Ed. Revista e Ampliada, pp. 178-285.

Raposo, E. P. (1992). *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.

Raposo, E. P. *et al* (2013). *Gramática do Português*. VOLs I e II. Lisboa: Ed. F. Calouste Gulbenkian.

Schegloff, E., Koshik, I., Jacoby, S., Olsher, D. (2002). Conversation Analysis and Applied Linguistics, in *Annual Review of Applied Linguistics*, 22, pp. 3-31.

Selinker, L. (1972/10:209-241). *Interlanguage*. *International Review of Applied Linguistics*. (1992). *Rediscovering Interlanguage*. London: Longman.

Selinker, L. (1992) *Interlengua*. In Liceras, J. M. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor.

Van Dijk, T. A. (1986). *News Schemata. Studying writing: Linguistics Approaches*. London: Sage Publications.

Van Dijk, T. A. e Kintsch, W (1983). *Strategies of Discourse Comprehension*. New York: Academic Press.

Vilela, M. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Ed. Almedina.

ANEXOS

Anexos

Grupo de Iniciação: Níveis A1/A2			
Identificação de texto	Código de estímulo	Estrutura	Função sintática da retoma
ITALIANO.ER.A1.15	6.1B	[Eu gosto muito de] peixe [mas depende do modo <de cozinhar> /como] Ø [é/ cozido.]	SU
		[Alguma vez como] quejio de vaca [mas muito magro porque <sai> sei que] Ø [é bom por minha saúde.]	SU
		[Naturalmente] minha mãe [e] meu pai [<des> detestam o /meu/ modo de comer,] eles [esperam que um dia tenho de començar a comer todo.]	SU
ITALIANO.ER.A1.18	6.1B	[Tenho que falar com] minha mãe [porque] o master [é muito caro e não sei se] ela [consigue de pagar] - o.	SU
		A minha mãe [trabalha na escola <(...)> em XXXXX<(...)> onde] Ø [faz a directora.]	SU
ITALIANO.ER.A1.22	6.1B	[Estou a estudar muito porque nestos dias tenho sò exames, espero <(...)>] as férias para voltar em <(...)> Sardenha aí vamos apanhar o sol na praia perto de Sassari como o ano passado: [te lembrás? Foram muito engrassados] aqueles dias!!	SU
ITALIANO.ER.A1.42	6.1B	Lembras-te de quando foram a Roma? Ø [Foi muito divertito!]	SU
		[Ontem fui à] o jantar de curso com todos os <(...)> colegas da universidade: Ø [foi giro!]	SU
ITALIANO.ER.A1.45	55.2M	[Eu tenho <(...)> muita sorte também porque <(...)> minha namorada trabalho no restaurante “<P> XXXXX”, que é uma ádega típica <portles> portuguesa, portanto <posso> como] comidas portuguesas [todos os dias.] A	SU

		comida que [<eu>] gosto mais [e o bacalhau]	
		[como] comidas portuguesas [todos os dias.] A comida [que <eu> gosto mais e] o bacalhau [(também a minha avó /italiana sabe cozinhar] Ø [<faz>]. [...] Eu acho que] aos comidas portuguesas [são muitas boas mas eu detesto comer “orelhas de porco”]	SU
		[Eu gosto também] sobremesas portuguesas. Minhas sobremesas preferidas [são: “bolo rei”, “baba de camelo”, “bolo de <bolachas> bolachas” e os obçes de Santa Clara.]	SU
ITALIANO.ER.A1.47	1.1A	Minha família [tem à pastelaria <en> em minha cidade, e] Ø [gosta muito fazer bolos,]	SU
		/A/ Minha irmã [tem 14 anos e <(…) faze>] Ø [faz escola secundaria.]	SU
		/A/ Minha irmã [tem 14 anos e <(…) faze>escola secundaria.] Ela [joga]	SU
		A/ Minha irmã [tem 14 anos e <(…) faze>escola secundaria.] Ela [joga e] Ø [toca também o piano.]	SU
ITALIANO.ER.A2.104	1.1A	Os meus pais [não são muito velhos:] o meu pai [tem 48 anos]	SU
		Os meus pais [não são muito velhos:] o meu pai [tem 48 anos e] a minha mãe [tem 46 anos.]	SU
		A minha irmã [tem 16 anos e] o meu irmão [23.] Eles [são mais altos do que eu,]	SU
		A minha irmã [tem 16 anos e] o meu irmão [23.] Eles [são mais altos do que eu, e] Ø [não são tão fortes como eu,]	SU
		A minha irmã [tem 16 anos e] o meu irmão [23.] Eles [são mais altos	SU

		do que eu, e] Ø [não são tão fortes como eu, mas] eles [também têm óculos.]	
ITALIANO.ER.A2.109	77.3T	[É um barrio muito particular <(...)> na minha cidade porque] Ø [fica é situado (...)> junta comunidades das pessoas [completamente> muitos diferentes:]	SU
		Tambem porqué o barrio onde moro é situado no centro da cidade, perto de muitos lugares de interesse estorico [e] <u>isto</u> [<ercou um> deu <(...)> origem a uma questão subra à oportunidade de colocar] esta comunidade em um outro lugar]	SU
ITALIANO.ER.A2.43	1.1A	[TENHO] UM IRMÃO [MAIS JOVEM.] ELE [TEM 18 ANOS.]	SU
ITALIANO.ER.A2.44	1.1A	[A melhor cidade <do mundo> /qu eu vi/ <(...)> foi para me] Amsterdam [porque] Ø [tem um atmosfera]	SU
ITALIANO.ER.A2.48	55.2M	A pasta [que gosto mais é] “Lasagne” [, em particular aquelas <feitas> que a minha avó faz.]	SU
ITALIANO.ER.A2.60	75.3S	[O meio de transporte <de> que gosto mais é, sem dúvida,] o avião : Ø [é rápido e agradável.]	SU

Grupo Intermédio: Níveis B1/B2			
Identificação de texto	Código de estímulo	Estrutura	Função de Sujeito
ITALIANO.ER.B1.116	33.1J	[Por isso há uns anos comecei] uma actividade de ornitologista , [que iniciou como simple observação das aves para <diversão> diverção, até] Ø [<(...)> tornar-se uma actividade científica no campo.]	SU
		os anilhos [têm] códigos: letras e cor) [e <os>]/esses/ datos [e <os> /esses/ datos, <mesmo sejam> /que	SU

		podem ser/ recolhidos por <(…)> qualquer pessoa são muitos importantes para el estudio dos movimientos das aves na Europa.]	
		Pode-se <observá-los> observá-los (com binóculos) à procura de anilhos [...] os anilhos [têm códigos: letras e cor)]	SU
ITALIANO.ER.B1.116	50.2L	O meu país [é a Itália e acho que é bastante difícil descrevê-lo em poucas linhas, porque] Ø tem diferenças muito marcadas entre as suas regiões	SU
		[tem diferenças muito marcadas entre as suas regiões em termos de: paisagem, cultura, hábitos e também] lingual [; embora seja] o Italiano [o idioma oficial,]	SU
		A [<mih>] minha região [chama-se «Romagna» e] Ø [situa-se à leste da península, <á> à beira do mar <adriático> Adriático, aproximadamente no centro.]	SU
		Durante a sua história] a região foi governada pelo <estado> Estado da Igreja até a unificação da Itália e por isso a gente do povo ganhou acentuados sentimentos anti-clericais (] Isto [é comum com outras regiões que tiveram a mesma história).]	SU
		[Quase] toda gente [percebe <dia> o dialecto da região ma só] poucos [o falam,]	SU
		[Quase toda gente percebe <dia> o dialecto da região ma só poucos o falam, também porque] isso [é considerado sinal de pouca cultura.]	SU
		[Lembro-me que] na escola eravámos censurados se apanhados a falar entre nós em dialecto; isto [acontecia em 1980,]	SU
ITALIANO.ER.B1.130	50.2L	Então vou descrever] a minha	SU

		<p>região [...] Ø [é uma região cumprida e quasi completamente à beira mar.]</p>	
		<p>Então vou descrever] a minha região [...] Ø [Foi sujeita a muitas dominações diferentes nos seculos passados]</p>	SU
		<p>Então vou descrever] a minha região [...] [Ø Foi sujeita a muitas dominações diferentes nos seculos passados e] Ø [tem como monumentos principais igrejas e conventos,]</p>	SU
		<p>[Uma parte muito importante da sua cultura é] a música [. Todo o sul da Italia tem uma cultura musical popular propria, com instrumentos musicais originais e com uma relação muito forte com a dança. Apesar de] Ø [ter origem <antigua> antiga, a música e a dança popular é muito apreciada ainda hoje.]</p>	SU
		<p>[Uma parte muito importante da sua cultura é] a música [. Todo o sul da Italia tem uma cultura musical popular propria, com instrumentos musicais originais e com uma relação muito forte com a dança [. Apesar de Ø ter origem <antigua> antiga,] a música [e a dança popular é muito apreciada ainda hoje]</p>	SU
		<p>[Uma parte muito importante da sua cultura é a música. Todo o sul da Italia tem uma cultura musical popular propria, com instrumentos musicais originais e com uma relação muito forte com] a dança [. Apesar de Ø ter origem <antigua> antiga, a música e] a dança popular [é muito</p>	SU

		apreciada ainda hoje]	
		[Porquê] a comida [é outro <aspécto> aspecto importantissimo da Cultura italiana, mas] a cozinha italiana [é tão conhecida que não vale a pena escrever mais sobre este assunto!]	SU
ITALIANO.ER.B1.15	77.3T	[Além há] muitas casas abandonadas [, que são também fascinosa mas é] numero destas [acho eu que é demasiado elevado,]	SU
ITALIANO.ER.B1.130	77.3T	Também acho] a baixa [o bairro mais característico da cidade,] [...] Durante o dia normalmente há muitas pessoas a passar e fazer compras, a noite] Ø [é mais calma]	SU
		Também acho] a baixa [o bairro mais característico da cidade,] [...] Durante o dia normalmente há muitas pessoas a passar e fazer compras, a noite Ø é mais calma mas] Ø [tem muito encanto]	SU
		[O maior problema da baixa é a condição geral d] os edifícios [, sendo] Ø [quasi todos velhos]	SU
ITALIANO.ER.B1.144	6.1B	Os meus pais [não são felizes que estou aqui.] Ø [Têm saudade de mim]	SU
		Os meus pais [não são felizes que estou aqui. Ø Têm saudade de mim e] Ø [estão preocupados.]	SU
		Os meus pais [não são felizes que estou aqui. Ø Têm saudade de mim e Ø estão preocupados. Acho que] eles [têm razão porque aqui toda a gente bebe e droga-se ...]	SU
		[Lembras-te <de> d] os [<(...)>] bolos [que fazia a tua mãe?] Ø [Era muito bons!]	SU
		[Gosto de comer] os pasteis de nata	SU

		[, que são bolos típicos de Lisboa. Em Lisboa] Ø [chamam-se /os/ pasteis de Belem.]	
		Fui em] Lisboa [<por> cinco dias.] Ø [É a maior <do que> de Coimbra.]	SU
		Fui em] Lisboa [<por> cinco dias. [...]] Ø [É /*a/ capital.]	SU
		Gosto de] um rapaz português [que se chama XXXXX e] Ø [tem 21 anos]	SU
		Gosto de] um rapaz português [que se chama XXXXX e Ø tem 21 anos mas] ele [já tem namorada!]	SU
ITALIANO.ER.B1.144	77.3T	[Enquanto estava <ao> no <DRICC> DRIC, conheci] uma rapariga italiana [de Milão: a XXXXX.] Ela [hospedou-me]	SU
		Enquanto estava <ao> no <DRICC> DRIC, conheci] uma rapariga italiana [de Milão: a XXXXX. Ela hospedou-me porque] Ø [já tinha procurado um quarto.]	SU
		Enquanto estava <ao> no <DRICC> DRIC, conheci] uma rapariga italiana [de Milão: a XXXXX. Ela hospedou-me porque Ø já tinha procurado um quarto.] Ø [Foi muito amável.]	SU
		Enquanto estava <ao> no <DRICC> DRIC, conheci] uma rapariga italiana [de Milão: a XXXXX. [...]] Ela [mora ao lado do “XXXXX-XXXXX”]	SU
		O único problema eram] as escais [<monumentais>] monumentais . [Seria <(.)> melhor]_[se Ø sejam móbil!]	SU
		[Procurei] um quarto [em Rua XXXXX XXXXX. <Não gostava o>] Ø [Era muito barato]	SU
		[Felizmente] outra minha amiga [/a XXXXX)/ recebeu-me.] Ela [mora	SU

		em Rua XXXXX XXXXX]	
		a XXXXX [, que mora em Rua XXXXX XXXXX XXXXX [...] Para ir à Universidade apanhamos o autocarro porque] ela [<é> /está/ sempre cansada!]	SU
		Espero que quando volto a Coimbra, depois das férias, posso alugar um quarto à casa] do XXXXX [(<o rapaz do que gosto e de quem> já falei dele <noutro> trabalho no dia 2!). Gostaria de <moram> morar na /sua/ casa <dele> porque] ele [mora com três portugueses simpáticos.]	SU
		[Como sabes, no ano passado vivi em] Lyon , [na França.] A cidade [é maravilhosa]	SU
		[Também no trabalho tive sorte,] os meus colaboradores [aí são simpáticos e] Ø [ajudaram-me]	SU
		[Foi numa escola de língua para aprender] frances , Ø [era mais necessário!]	
		O predio [onde fica o andar era uma escola e depois] Ø [foi renovado e partilhado em andares nos anos 70.]	SU
		[Também gosto da Alta em geral do ponto de vista arquitectónico:] as casas da rua Quebra Costas], por exemplo,] Ø [são das mais bonitas da cidade.]	SU
		[Até aqui só falei sobre a beleza d] o barrio [mas <ela>] ele [é também denso de história]	SU
		[Não há] muitos locais [onde poder encontrar-se a noite e] os poucos [são só bar-erasmus, onde beber, beber e ficar bebedos...]	SU
		[Além há] muitas casas abandonadas [, que são também fascinosa mas é numero destas acho eu que é demasiado elevado, se	SU

		calhar é possível que não há dinheiro para restructurar] <u>todos estes edifícios.</u>	
		[Em frente do meu quarto, há] outras casas [e da minha janela posso ver os que moram] ali. /Pode-se dizer/ que a privacy não é muita mas <(…)> afortunadamente] <u>aquelas janelas</u> [estão quase sempre fechadas.]	SU
		[O único problema talvez seja a delinquência, naquela zona; se calhar é melhor não estacionar] o carro [perto do Arco de Almedina porque no último mês foram assaltados] <u>muitos carros.</u>	SU
		[Então, uma coisa que se podia fazer para que fosse mais agradável /lá/ viver, era aumentar] o número dos polícias [na zona [para] Ø [controlarem a situação].	SU
ITALIANO.ER.B2.38	6.1B	a minha cidade [chama-se] Coimbra [<, > e] Ø [é a terceira cidade mais grande do Portugal.]	SU
		[Eu gosto muito deste país e sobretudo da minha cidade porque] Ø [é cheia de estudantes Erasmus e portugueses também.]	SU
ITALIANO.ER.B2.39	50.2L	[Eu quero escrever algumas coisas sobre] o meu país, a Italia e sobre] a minha região que chama-se Umbria.] Ela [fica exatamente no centro do país]	SU
		[Também a Universidade que é mais <(…)> /"saudável"/:] os professores [ajudam-te,] Ø [explicam-te os assuntos, etc]	SU
ITALIANO.ER.B2.51	69.3Q	[Eu experimentei] as duas vidas, a no campo e a na cidade , nas <(…)>] aquela [na qual sinto-me mais eu mesma só e sempre será no campo]	SU
		[Vivi também em] varias cidades,	SU

		[grandes e pequenas, e acho que] Ø [não podem ser comparáveis.]	
		[Vivi também em] varias cidades , [grandes e pequenas, e acho que] Ø [não podem ser comparáveis.] Cada uma delas [tem uma qualidade da vida diferente,]	SU
ITALIANO.ER.B2.52	69.3Q	[Perde-se o sentido da importância de] um evento [, porque depois <(...)> daquilo vai haver] outro	SU
		É o sitio em que cada dia há alguma coisa nova para fazer, onde há muitas possibilidades em aberto e] cada um [consegue encontrar o de que] ele [gosta.]	SU
		[Uma grande cidade oferece <sim> com certeza mais oportunidades mas] uma pessoa [não consegue aproveitar de todas, se calhar] Ø [nem sabe da existência de muitas delas.]	SU
		Uma grande cidade oferece <sim> com certeza] mais oportunidades [mas uma pessoa não consegue aproveitar de] todas [, se calhar Ø nem sabe da existência de] muitas delas . [Perde-se o sentido da importância de] um evento , [porque depois <(...)>] daquilo [vai haver] outro , [e] outro [ainda.] A multidão de possibilidade [<confunde> as vezes confunde em vez de estimular.]	SU
ITALIANO.ER.B2.60	6.1B	[Desde quando parti para vir cá em Portugal, falámo-nos sempre menos <, assim> Por isso hoje te pensei quando vi] uma rapariga [muito parecida contigo –] Ø [tem o cabelo comprido e caracolado como o teu]	SU
		[E lembrás] aqueles loucos dos professores? A de literatura italiana [<que> sempre estava chateada com o mundo inteiro]	SU

		A de literatura italiana [<que> sempre estava chateada com o mundo inteiro e] Ø [gritava, gritava, mas nós não percebíamos por que <, > e dávamos risada.]	SU
		[E lembrás] aqueles loucos dos professores [...] A de matemática [que não sabia explicar,	SU
		A de matemática [que não sabia explicar, <(…)> /] ela [/ também gostava muito de gritar e também nos dava muitas razões para <nos o> darmos risada.]	SU
		[Já sabes que desde Setembro estou em Portugal a fazer] o Erasmus , [não é? Tenho de precisar que] esta [não é somente uma experiência universitária, mas também, e nomeadamente, uma fundamental experiência de vida.]	SU

Grupo de Iniciação: Níveis A1/A2			
Identificação de texto	Código de estímulo	Estrutura	Função de Complemento Direto
ITALIANO.ER.A1.18	55.2M	[Eu gosto muito de] peixe [mas depende do modo <de cozinhar> /como] Ø [é/ cozido. Certo eu como] todo [ou cozido, ou grelhado mas sem azeite e com pouco sal].	CD
		[Durante o dia não como, só durante as festas experimento] os bolos , [prefiro] Ø [sempre ao chocolate.]	CD
ITALIANO.ER.A1.18	6.1B	[Tenho que falar com minha mãe porque] o master [é muito caro e não sei se ela consegue de pagar] - o.	CD
ITALIANO.ER.A1.42	6.1B	[O ano pasado fui a Espanha com os meus amigos, e visitei] Madrid	CD

		[e] <u>outras cidades muito lindas.</u>	
ITALIANO.ER.A1.45	33.1J	[Eu faço] muito desporto. [Cada semana eu faço] <u>karate</u> [(dois vezes cada semana, na segunda e na quarta feira a tarde),] boxe	CD
		[Eu faço] muito desporto. [Cada semana eu faço] karate [(dois vezes cada semana, na segunda e na quarta feira a tarde),] <u>boxe</u>	CD
		[Cada semana eu faço karate (dois vezes cada semana, na segunda e na quarta feira a tarde),] <u>boxe</u> [, <(...)> também] <u>isto desporto</u> [dois vezes cada semana, na terça e na quinta a tarde):]	CD
		[A comida que <eu> gosto mais e] <u>o bacalhau</u> [(também a minha avó /italiana sabe cozinhar] <u>Ø</u>	CD
ITALIANO.ER.A1.47	1.1A	[Normalmente <ou faço muitas (...) durante> /no Verão/ eu vou com minha namorada e meus amigos à l]a <u>praia</u> [porque <em m> na minha <região> região <tre> tem] <u>muitas praias.</u>	CD
ITALIANO.ER.A2.109	77.3T	[O <m ba> barrio onde moro é uma <espeie> espécie de]“ <u>China Town</u> ” [em Roma (agora quase todas as <citaded cio cidades> cidades tem] <u>uma</u>	CD
		[Eu mor em uma cidade [muito grande em Roma, e o Barrio [onde moro é mesmo grande. Ø É um barrio muito particular <(...)> na minha cidade porque Ø <fica é situado (...)> junta] <u>comunidades das pessoas</u> <completamente> muitos diferentes:] [...] [O <m ba> barrio onde moro é uma <espeie> espécie de]“ <u>China</u>	CD

		<p>Town” [em Roma (agora quase todas as <cidaded cio cidades> cidades tem uma]</p> <p>[...]</p> <p>[Tambem porqué o barrio onde moro é situado no centro da cidade, perto de muitos lugares de interesse estorico e isto <ercou um> deu <(…)> origem a uma questão subra à oportunidade de colocar] esta comunidade [em um outro lugar mas longe <de dà> do centro da <citade> cidade.]</p>	
--	--	---	--

Grupo de Iniciação: Níveis B1/B2			
Identificação de texto	Código de estímulo	Estrutura	Função de Complemento Direto
ITALIANO.CA.B1.54	6.1B	[A cidade fica bastante perto quer de] Lisboa quer d]o Porto [, e por isso <aprov> estou a aproveitar quase todos os fins de semana para visitor] estas cidades	CD
		[Os <port> Portugueses são mais abertos do que achava, e isso foi uma surpresa bem agradável!] <,> - ir aos museus, aos concertos, sair à noite e fazer festas... [tal como costumávamos fazer juntos, lembras-te? Porém agora é diferente, daqui a poucos meses vou começar a trabalhar novamente e infelizmente vou abandonar] os divertimentos [da <vi> maravilhosa vida do estudante]	CD
		Porém agora é diferente, daqui a poucos meses vou começar a trabalhar novamente e infelizmente vou abandonar os divertimentos da <vi> maravilhosa vida do estudante – e é diferente	CD

		<porque> também porque nunca gostei <tanto de] sair [/como ninguém/ como /fiz/ contigo!!> de sair com <m> ninguém tanto como <gostei> /gostava/ de fazê-] lo [contigo!!]	
		[Fico à espera de] notícias tuas , [poderias escrever-me pelo menos] algumas linhas [por e-mail...]	CD
ITALIANO.ER.B1.116	33.1J	A posição geográfica do Portugal [situa] -o [mesmo na ruta migratória das gaivotas e dos aves limícolas]	CD
		A posição geográfica do Portugal situa-o mesmo na ruta migratória d] as gaivotas [e d] os aves limícolas [que, no Outono, deixam a Europa do norte para /ir/ <às> às estações de invernção da Africa e as praias entre Figueira da Foz e Aveiro [dão muito bem para observá] - las [durante as pausas da migração.]	CD
		A posição geográfica do Portugal situa-o mesmo na ruta migratória das gaivotas e dos aves limícolas que, no Outono, deixam a Europa do norte para /ir/ <às> às estações de invernção da Africa e] as praias [entre] Figueira da Foz [e] Aveiro [dão muito bem para observá-las [durante as pausas da migração.] [Também <(…)> imensos numeros de gaivotas escolhem <(…)>] aqueles lugares [para <estagiar> /lá ficar/ o Inverno todo.	CD
ITALIANO.ER.B1.116	50.2L	O meu país [é a Itália e acho que é bastante difícil descrevê-] lo [em poucas linhas,]	CD
		o Italiano [o idioma oficial,]	CD

		muitas pessoas [não] o [falam habitualmente, especialmente em contextos rurais.]	
		[toda gente percebe <dia>] o dialecto [da região ma só poucos] o [falam,]	CD
ITALIANO.ER.B1.144	6.1B	[aqui] toda a gente bebe e droga-se [... mas eu não gosto de fazer] isso!	CD
ITALIANO.ER.B1.145	6.1B	Na altura não falava] francês [e não] o [compreendia.]	CD
		Nestas condições, foi complicado encontrar] um quarto [como] o [queria]	CD
		[Assim a minha vida em Lyon tornou-se mais simples e já não haveram outros problemas (] execto aquela vez que a EDF cortou-me a electricidade durante uma semana [...Mas] esta é uma <Bom,> outro história, vou contar-te-] la [na próxima carta, para não matar a curiosidade)]	CD
ITALIANO.ER.B1.145	77.3T	[Para mim] a Sé Velha [é o monumento mais bonito da cidade e gosto muito de tê-] la [tão perto.]	CD
ITALIANO.ER.B1.146	6.1B	[E lembrás d] o T-shirt dos OTTO OHM [? Grupo de cantores que ninguém conhecia, só nos! Ainda]/a/[tenho]	CD
		[E lembrás d] o T-shirt dos OTTO OHM [? Grupo de cantores que ninguém conhecia, só nos! Ainda /a/ tenho e muito frequentemente trajo com] ela]	CD
ITALIANO.ER.B2.39	50.2L	a minha região [que chama-se Umbria.] Ela fica exatamente no centro do país e por isso <pomedo> podemos <chamá-la> chama-] la [o coração da Italia.]	CD
		[Uma cidade como] Coimbra , [a	CD

		qual é muito activa <, >a partir das primeiras horas da madrugada às últimas horas da noite com estudantes que] <u>a</u> [vivem em todos os seus lados]	
		[Uma cidade como] Coimbra , [a qual é muito activa <, >a partir das primeiras horas da madrugada às últimas horas da noite com estudantes que a vivem em todos os seus lados <, e > idosos que lembram do passado da cidade e as famílias que coram as escolas e escritórios /, captura cada emoção e sentimento e] <u>os</u> [nunca desca sair do coração dela/]	CD
ITALIANO.ER.B2.52	69.3Q	É o sitio em que cada dia há alguma coisa nova para fazer, onde há] muitas possibilidades [em aberto e cada um [consegue encontrar] <u>o</u> [de que ele gosta.]	CD
		[Uma grande cidade oferece <sim> com certeza] mais oportunidades [mas uma pessoa não consegue aproveitar de] <u>todas</u> .	CD
ITALIANO.ER.B2.60	6.1B	Que] momentos lindos, maravilhosos... [<Embora eu tenha> Mas <n> tenho de dizer-te que agora estou muito bem, embora eu tenha muita vontade de voltar a viver] aqueles momentos	CD
ITALIANO.ER.B2.61	6.1B	[Querida amiga, há muito tempo que não] escrevo [-te, e por isso peço-te desculpa. Não foi por minha vontade que deixei] este meio de comunicação [, para mim muito agradável: foram as circunstâncias de vida a levar-me para outras actividades.]	CD

Grupo de Iniciação: Níveis B1/B2

Identificação de texto	Código	Estrutura	Função de
------------------------	--------	-----------	-----------

	de estímulo		Complemento Oblíquo
ITALIANO.ER.B1.146	77.3T	esta parte da cidade [é a mais linda, mas falta] Ø [um pouco de participação cultural e social.]	CI

Grupo de Iniciação: Níveis A1/A2			
Identificação de texto	Código de estímulo	Estrutura	Função de Complemento Oblíquo
ITALIANO.ER.A1.22	6.1B	[Foram muito engrassados] aqueles dias!! [Não vou <(...)> me <esqueser> esquecer de] aqueles lindíssimos tempos!!	C Obl
		[Aqui também conheci] muitas pessoas , [gosto muito <(...)> d]os <(...)> /] meus/ colegas de arqueologia [e acho que em Julho vou fazer uma escavação com eles aqui em Portugal.]	C Obl
ITALIANO.ER.A1.47	1.1A	Minha namorada [<(...)> mora perto de minha casa, e normalmente posso sair com] ela [para parque, ou para praça, onde normalmente ficam meus amigos.]	C Obl
ITALIANO.ER.A2.102	75.3S	[Lembro que quando fui para] Lisboa [foi muito fácil ir para] ali [de comboio.]	C Obl
		[Nós queremos-nos muito, quando] alguém [vai embora o ligamos muitas vezes porque temos saudades d] ele .	C Obl
		[Gosto muito de ver filmes e de ir a] o cinema , por isso se poder eu vou] lá [todas as semanas.]	C Obl
ITALIANO.ER.A2.49	1.1A	[Eu gosto muito da] minha família [e agora tenho um pouco de saudade,] Ø [após 3 meses e meio que estou em Portugal.]	C Obl

Grupo de Iniciação: Níveis B1/B2

Identificação de texto	Código de estímulo	Estrutura	Função de Complemento Oblíquo
ITALIANO.CA.B1.54	6.1B	[Como vês não perdi o hábito e o gosto para <es> o estudo das línguas estrangeiras, <es(...)ero> espero que tu também estejas a continuar a aprendizagem d]o holandês [- gostavas tanto d] <u>aquela língua</u> [, não é?]	C Obl
ITALIANO.ER.B1.130	77.3T	Em comparação com Bolonha (a cidade <(…)> onde morava na Italia) qualquer parte de] Coimbra [é super segura, apesar de partilhar os meus fins-de-semana com tipos raros <(…)> /que passiam/ entre a rua Magalhais e os becos da parte mais próxima da baixa. Mas nunca me senti em perigo desde que moro] <u>cá em Coimbra</u> .	C Obl
ITALIANO.ER.B1.144	6.1B	Homens [... Acabei com] <u>o XXXXX</u> [e agora sou solteira.]	C Obl
		Homens [... Acabei com o XXXXX e agora sou solteira. Gosto de] <u>um rapaz português</u> [que se chama XXXXX]	C Obl
ITALIANO.ER.B1.144	77.3T	[não gostava d] as minhas colegas . [Discuti com] <u>elas</u>	C Obl
		[Espero que quando volto a Coimbra, depois das férias, posso alugar um quarto à casa] do XXXXX [(<o rapaz do que gosto e de quem> já falei d] <u>ele</u>	C Obl
ITALIANO.ER.B1.145	6.1B	A cidade [é maravilhosa e gostei logo d] <u>ela</u> .	C Obl
ITALIANO.ER.B1.146	77.3T	A minha casa [fica muito perto da Sé Velha e a só três minutos da <cidade> Universidade, perto d] <u>ela</u> [fica também uma República	C Obl

		<p>muito antiga, a República Pra-Kis-Tão.]</p>	
ITALIANO.ER.B1.15	77.3T	<p>[Em frente do meu quarto, há outras casas [e da minha janela posso ver os que moram] <u>alí</u>.</p>	C Obl
		<p>[Quando saio de casa para ir à Faculdade, encontro muitas vezes turistas alemães ou franceses ou espanhóis, parados debaixo do arco ou n] a Sé Velha; [...] [Para além disso, gosto muito de morar n] <u>aquele bairro</u></p>	C Obl
		<p>[Quando saio de casa para ir à Faculdade, encontro muitas vezes turistas alemães ou franceses ou espanhóis, parados debaixo do arco ou n] a Sé Velha; [...] [O único problema talvez seja a delinquência, n] <u>aquela zona</u> [; se calhar é melhor não estacionar o carro perto do Arco de Almedina]</p>	C Obl
		<p>[É verdade que Ø não é] um dos bairros piores [de Coimbra, como delinquência; gosto de <(...)> ficar] <u>alí</u> [apesar de tudo]</p>	C Obl
ITALIANO.ER.B2.38	6.1B	<p>Lembras-te quando fomos <(...)> a <(...)> XXXXX em França? [Eu gostei muito d] <u>aquelas</u> [<(...)>] <u>férias</u> [contigo,]</p>	C Obl
ITALIANO.ER.B2.39	50.2L	<p>[A Umbria oferece uma oportunidade incrível de] villas pequenas, [que são <conhecidais> conhecidas pelos turistas que gostam muitos d] <u>elas</u>.</p>	C Obl